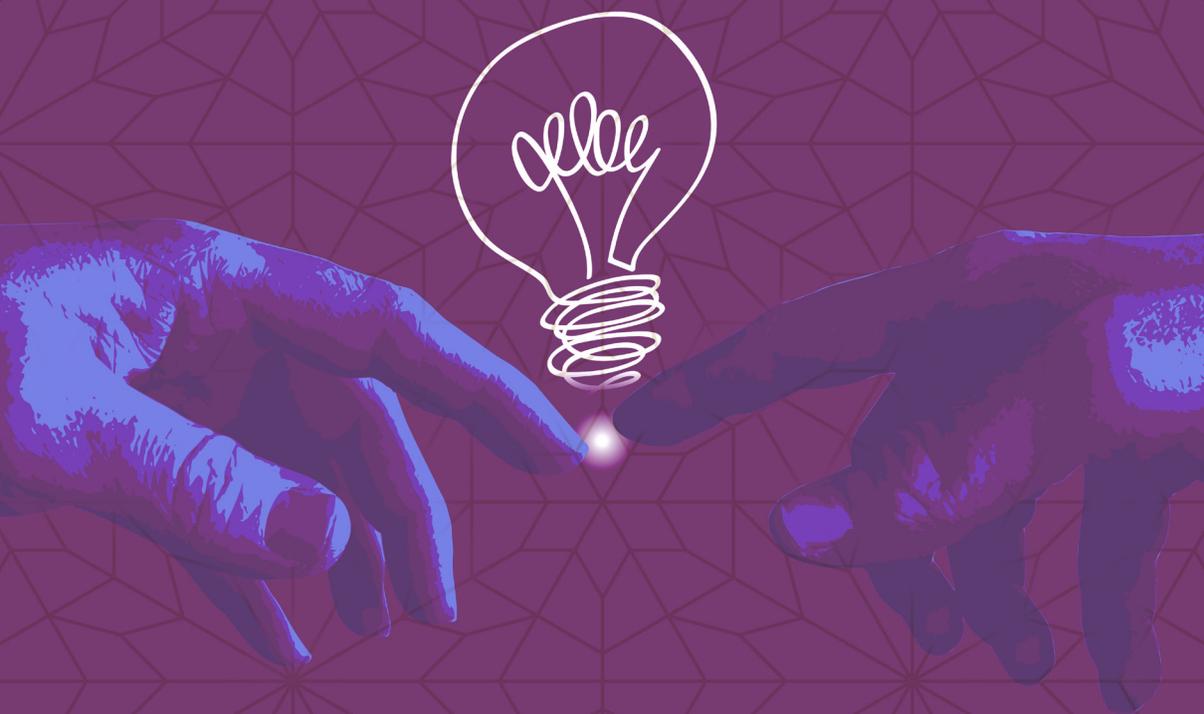


MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
MARIA FILOMENA RODRIGUES TEIXEIRA
(ORGANIZADORES)

ESTUDOS DE TEOLOGIA

E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO 2

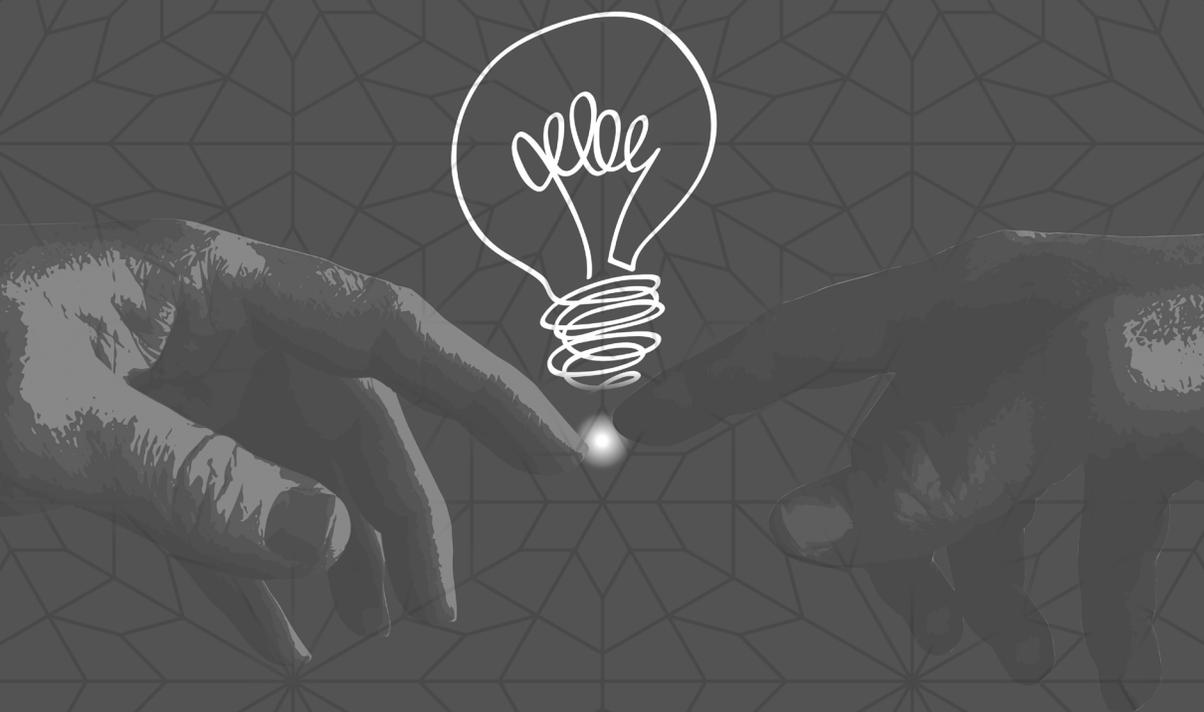


 **Atena**
Editora
Ano 2023

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
MARIA FILOMENA RODRIGUES TEIXEIRA
(ORGANIZADORES)

ESTUDOS DE TEOLOGIA

E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO 2



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Pivoesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Estudos de teologia e ciências da religião 2

Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Elisângela Maura Catarino
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
E82	<p>Estudos de teologia e ciências da religião 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Maria Filomena Rodrigues Teixeira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1704-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.040230609</p> <p>1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Teixeira, Maria Filomena Rodrigues (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 215</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Caros leitores, saudações.

Apresentamos a obra “Estudos de teologia e Ciências da religião 2”, composta por 10 capítulos teóricos que reúnem em seu interior discussões sobre temas que permeiam - Caridade, Cultura, Diversidade Religiosa, Espaço Escolar, Espírito Santo, Eventos religiosos, Gênero, Igrejas inclusivas, Mistério, Mística, Mosteiro, Orientação espiritual, Patrimônio, Pentecostalismo, Santuário Nacional de Aparecida, Sexualidade, Turismo religioso, Virgem Maria, entre outros -. Uma obra que amplia o discurso sobre a religiosidade, levando-o a dialogar com temas latentes e urgentes a serem discutidos na sociedade contemporânea. Um trabalho que tem muito a contribuir para a pesquisa no campo das ciências humanas – Teologia e Ciências da Religião -, uma vez que alguns textos são resultados de investigações pensadas e desenvolvidas em programas de pós-graduação e fornecem uma rica base teórica que pode trazer novas reflexões sobre este assunto. Isto dito, desejamos a todos/as uma boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Maria Filomena Rodrigues Teixeira

CAPÍTULO 1	1
20 ANOS DE IGREJAS INCLUSIVAS NO BRASIL: UMA FALA SOBRE (IN) TOLERÂNCIA, AVANÇOS E RETROCESSOS	
Átila Augusto dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306091	
CAPÍTULO 2	11
A VIRGEM MARIA PREFIGURADA NOS MOSAICOS DA FACHADA NORTE DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA NA ARTE DE MARKO IVAN RUPNIK SJ.	
Wilma Steagall De Tommaso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306092	
CAPÍTULO 3	20
DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Márcia de Abreu Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306093	
CAPÍTULO 4	25
“A BICHA PRETA PENTECOSTAL INCOMODA!”: UMA FALA SOBRE GÊNERO, RAÇA E RELIGIÃO	
Átila Augusto dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306094	
CAPÍTULO 5	37
FÉ EM SANTO ANTONIO – A DEVOÇÃO PELO PADROEIRO E O TURISMO RELIGIOSO	
Rosangela Dias da Ressurreição	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306095	
CAPÍTULO 6	51
FINANCIAMENTO PÚBLICO DE OBRAS E EVENTOS RELIGIOSOS	
Leonardo Namba Fadil	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306096	
CAPÍTULO 7	60
MÍSTICA E VIDA NO ESPIRITO: UMA APROXIMAÇÃO TEOLÓGICA ENTRE O PENSAMENTO DE JUAN MARTIN VELASCO E A CARTA DE SÃO PAULO AO ROMANOS 8, 1-13	
Anderson Moura Amorim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306097	
CAPÍTULO 8	71
MORFO-EVOLUÇÃO DE MOSTEIROS CISTERCIENSES FEMININOS: TRÊS CASOS DE ESTUDO - LISBOA, ÉVORA E PORTALEGRE (PORTUGAL)	
Maria do Céu Simões Tereno	

Marízia Clara Menezes Dias Pereira
Maria Filomena Mourato Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306098>

CAPÍTULO 9 107

PANDEMIA E ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0402306099>

CAPÍTULO 10..... 119

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Vitalino Piaia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.04023060910>

SOBRE OS ORGANIZADORES 129

ÍNDICE REMISSIVO 132

MORFO-EVOLUÇÃO DE MOSTEIROS CISTERCIENSES FEMININOS: TRÊS CASOS DE ESTUDO - LISBOA, ÉVORA E PORTALEGRE (PORTUGAL)

Data de aceite: 01/09/2023

Maria do Céu Simões Tereno

Escola de Artes, Departamento de
Arquitetura, Universidade de Évora,
Colégio dos Leões
Évora, Portugal
ORCID: 0000-0002-7997-6609

Marízia Clara Menezes Dias Pereira

Escola de Ciências e Tecnologia,
Departamento de Paisagem, Ambiente e
Ordenamento, Universidade de Évora
Évora, Portugal
ORCID: 0000-0002-2551-3825

Maria Filomena Mourato Monteiro

Arquiteta

RESUMO: A Ordem de Cister foi pioneira na criação de casas religiosas em território nacional contando com o beneplácito de D. Afonso Henriques. Os seus primeiros monges instalaram-se em vastos terrenos doados por este monarca na região das beiras, local recém-conquistado e que importava desenvolver e povoar. O contributo da Ordem revelou-se relevante, não apenas através dos edifícios que nos legaram como também de inovadores conhecimentos, nomeadamente de cariz agrícola que localmente transmitiram.

O ramo feminino da Ordem teve como primeira casa religiosa, em território português, o Mosteiro de S. Bento de Cástris localizado na região de Évora. O objetivo do presente trabalho consiste no estudo de três mosteiros femininos, fundados em cidades com características bem diferenciadas e em distintas épocas: os mosteiros de S. Bento de Cástris em Évora (1274), o de S. Bernardo em Portalegre (1518) e o de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo em Lisboa (1653), localizando-se, um na capital do reino e os restantes em duas cidades distintamente hierarquizadas da região alentejana. As especificidades destes mosteiros permitirão realizar análises no desenvolvimento geomorfológico, através de documentação ícono-cartográfica, das zonas de implantação assim como entender, através de um fio condutor temporal, as suas influências nas zonas adjacentes assim como legados patrimoniais.

PALAVRAS-CHAVE: Mosteiro; Património; Salvaguarda; Ordem de Cister.

MORPHO-EVOLUTION OF FEMALE CISTERCIAN MONASTERIES: THREE CASE STUDIES — LISBON, ÉVORA AND PORTALEGRE (PORTUGAL)

ABSTRACT: The Order of Cister was a pioneer in the creation of religious houses in the national territory with the approval of D. Afonso Henriques. Its first monks settled on vast land donated by this monarch in the region of Beiras, a newly conquered place that needed to be developed and populated. The Order's contribution proved to be relevant, not only through the buildings they bequeathed us but also through the innovative knowledge, namely of an agricultural nature, that they locally transmitted. The female branch of the Order had as its first religious house, in Portuguese territory, the Monastery of S. Bento de Cástris located in the region of Évora. The aim of this work is to study three female monasteries, founded in cities with very different characteristics and at different times: the monasteries of S. Bento de Cástris in Évora (1274), that of S. Bernardo in Portalegre (1518) and that of Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo in Lisbon (1653), one located in the capital of the kingdom and the rest in two distinctly hierarchical cities in the Alentejo region. The specificities of these monasteries will make it possible to carry out analyses in the geomorphological development, through icono-cartographic documentation, of the implantation zones, as well as to understand, through a temporal thread, their influences in the adjacent zones as well as heritage legacies.

KEYWORDS: Monastery; Patrimony; Safeguard; Cistercian Order.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende analisar três casas monásticas femininas da Ordem de Cister, cujas fundações se situam em locais muito diferenciados, com características urbanas distintas, todas situadas na região centro-sul do país. Uma nas proximidades do rio Tejo, o mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo em Lisboa (1653), a outra numa elevação da planície alentejana, o mosteiro de S. Bento de Cástris em Évora (1274) e finalmente a última na serra de São Mamede, o mosteiro de S. Bernardo em Portalegre (1518), em zona fronteiriça.

A carta mais antiga, na qual surgem as representações das cidades onde se encontram os mosteiros que serão alvo do presente estudo, é da autoria de Álvaro Seco e pertence à Biblioteca Nacional, sendo impressa no ano de 1561, em Roma. Nela, para além dos núcleos urbanos, constam as linhas de água, nomeadamente as que contribuiriam para o abastecimento dos núcleos urbanos. As cidades foram representadas simbolicamente através de uma forma quadrangular preenchida densamente por edificações. Também se encontra expressa a importância que, em épocas de paz, assumia a localização rigorosa das cidades como de todos os aspetos considerados relevantes, nomeadamente relevo e rios (Fig. 1).

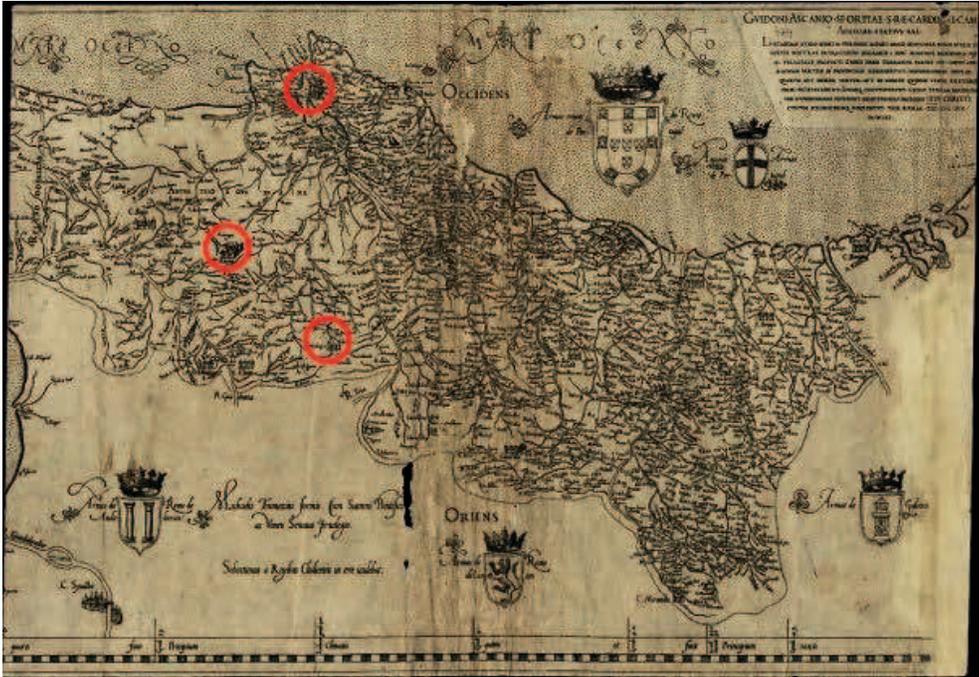


Fig. 1 — SECO, Fernando Álvares, ca 1559-1561 [Portugal] / *Vernandi Alvari Secco; Sebastianus a Regibus Clodiensis in aere i[n]cidebat; Michaelis Tramezini formis, cum Summi Pontificis ac Veneti Senatus privilegio*. Fonte: BNP.

As especificidades dos mosteiros em apreço permitirão efetuar análises no desenvolvimento geomorfológico, através de documentação ícono-cartográfica, das zonas de implantação, assim como entender, através de um fio condutor temporal, as suas influências nas áreas adjacentes bem como os legados patrimoniais. Refira-se seguidamente planta de *Jaques Chiquet*, impressa em Paris no ano de 1704, com representação de parte da Península Ibérica, identificação das linhas de água com mais caudal, dos relevos e povoações portuguesas. De muito interesse a representação, embora estilizada, das três cidades onde se inserem os mosteiros em apreciação, Lisboa, Évora e Portalegre (Fig. 2).

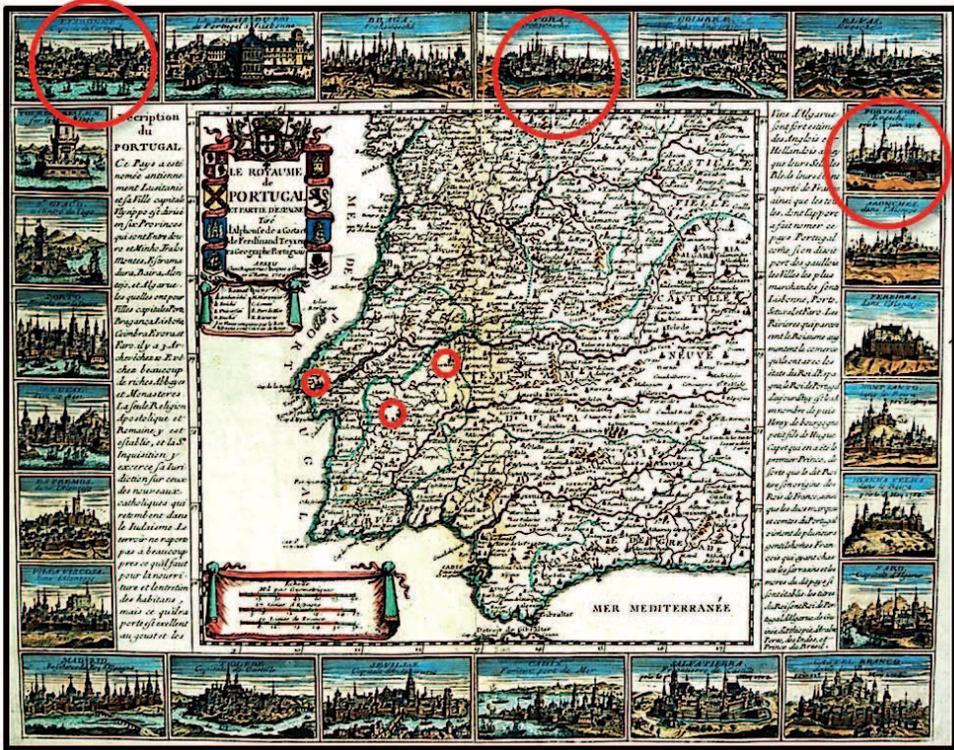


Fig. 2 — Uma representação de Jaques Cliquet, “Le royaume de Portugal et partie D’Espagne tire d’Alphonso de a Costa et de Ferdyxera Geographe Portuguais. A Paris chez Chiquet rue St. Jaques a l’Image de St. Remy”. Na cartela superior assinalam-se Lisboa e Évora, e na lateral direita Portalegre. Paris: 1704. Fonte: coleção N. Conde.

2 | S. BENTO DE CÁSTRIS (ÉVORA, 1274)

2.1 Breves notas históricas

A cidade de Évora tem sido descrita ao longo do tempo das mais variadas formas. Na obra do Padre Antonio Carvalho da Costa, intitulada *Corografia Portugueza*¹, esta encontra-se narrada da seguinte forma: “... Na latitude de 38. gr. 30. min. & longitude de 13. gr. io. min. nove legoas ao Sueste de Aviz, no meyo da Província Transtagana está fundada a Cidade de Évora em hum lugar nam muito alto, mas superior a huma grande campina de terras fertilíssimas, cujo remate he quasi rodeado de todas as partes de motes

1. COSTA, Pe. Antonio Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL. COM AS NOTICIAS DAS FUNDAÇOENS das Cidades, Villas, & Lugares, que contem; Varoens illuîtres, Genealogias das Familias nobres, fundaçoens de Conventos, Catálogos dos Bispos; antiguidades, maravilhas da natureza, edificios & outras curiosas observaçoens*. Tomo segundo, Lisboa, 1708. “...O Mosteiro de S. Bento de Freyras Bernardas dista tres quartos de legoa desta Cidade, & he muy observante, & nelle florecêram muitas Religiosas de virtude, a saber, D. Mecidade Tavora, D. Catherina Pires de Carvalho, D. Violante de Sousa, D. Leonor Correa, Briolanja da Ruda, Maria Bernardes, Kabel de Aguiar, & Antónia Nunes, que foy grande musica, & muy destra em todo o genero de instrumentos, & por estas partes foy muy querida, & estimada da Rainha D. Leonor, mulher del Rey D. João o Segundo”, p. 418.

muy distantes, ficando lhe da parte do Oriente, & Norte a celebrada ferra de Ossa, & da parte do Sul os montes de Portel, & Viana, aos quaes le legue a letra de Monte muro, & outros montes mais pequenos”. Mas a descrição não se restringe aos aspetos geográficos, estendendo-se a exposição à riqueza em cereal² do pão, azeite, vinho, mármore e minas de prata.

A Noroeste, e distando “tres quartos de legoa desta Cidade”³ o monte de S. Bento albergou uma comunidade feminina eremítica, que cerca de 1169⁴ se terá fixado em casas anexas à ermida de S. Bento⁵. O rei D. Sancho I, por sugestão do abade do mosteiro cisterciense de Alcobaça, impôs que esta comunidade de mulheres “tomasse a regra de alguma religião, caso contrário seriam mandadas para suas casas”. Trata-se da fundação feminina mais antiga que se situa a sul do Tejo, mandada erigir por D. Urraca Ximenes⁶. A Ordem de Cister foi a escolhida, tendo-a integrado em 1274, ano em que a madre abadessa Domingas Soeira obteve do papa Gregório X autorização para incluir este cenóbio na regra e Ordem de Cister. À ermida inicial sucedeu-se, no ano de 1328, a atual igreja, passando com o decorrer do tempo a ser um mosteiro de grandes rendas, totalmente adaptado ao espírito cisterciense feminino vigente na época⁷.

Este complexo monástico, à semelhança de tantos outros que ficaram devolutos após a extinção das Ordens Religiosas, passou por vicissitudes várias ao longo do tempo e encerrado em 18 de abril de 1890, por falecimento da última monja⁸. Posteriormente foram instaladas neste antigo mosteiro (e sua cerca) a Estação Químico-Agrícola que deu lugar depois ao Campo Experimental da Circunscrição Agrícola do Sul. No âmbito das Comemorações Centenárias de Portugal foi prevista para este conjunto a utilização como Asilo Agrícola Distrital⁹. Mais tarde foi atribuído à Casa Pia. A tutela do antigo conjunto monástico passou para a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que procedeu em 1937 à elaboração de um projeto pelo arquiteto Humberto Reis que tinha por

2. “He esta Cidade abundante de pão, azeite, excellente vinho de Peramanca, frutas, hortaliças, gado, & caça, com muitas colmeas montados, & se achão em leu território minas de prata, & pedrarias de mármore finíssimo...”, COSTA, Pe. Antonio Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, -2, p. 430.

3. COSTA, Pe. Antonio Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica...*, p. 423.

4. Que o Padre Manuel da Fonseca atribuiu a um milagre. FONSECA (Francisco da) *que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de JESUS ROMA. Na Officina Komarekiana. Anno MDCCXXVIII. [1728].* “O Bispo D. Sueyro aos 21 de Março, dia consagrado ao glorioso S. Bento, vio, que delle havia huã formozza luz, e resplandecente chama, que com moderados voos feremontava a o Impirio, e julgando, que naõ podia hum prodigio taõ insolito carecer de grandes myterios, se rezolveo a fundar naquelle sitio huã Ermida, em que S. Bento fosse venerado, e acomodando a caza em forma de Igreja, colocou nella a Imagem do Santo, que logo começou a florecer com muytos, e etupendos milagres”, p. 382.

5. Apenas três anos após a tomada da cidade aos muçulmanos, e num local onde teria existido uma antiga atalaia de vigia. Esta ainda existia à época da descrição: “...em ordem de guerra, & tomãraõ o caminho de Évora; & estando perto da Torre da Atalaya (que inda hoje existe juã Ermida, em que S. Bento fosse venerado, e acomodando a caza em forma de Igreja, colocou nella a Imagem do Santo, que logo começou a florecer com muytos, e etupendos milagres)”. Cf. COSTA, Pe. António Carvalho, da *COROGRAFIA PORTUGUEZA*, tomo II, p. 420.

6. Considerada como a primeira abadessa deste cenóbio. Cf. CONDE, Antónia Fialho, *Cister a Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)*, Lisboa: Edições Colibri, 2009, p. 48.

7. Os rendimentos do mosteiro permitiram sustentar mais de 140 monjas, o que, conjuntamente com o afastamento da urbe lhes permitiu uma liberdade de ação inusitada. Cf. FRANCO, Pe. António, Évora..., ob. cit., p. 312.

8. Sórora Maria Joana Isabel Batista, ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora - volume I), Lisboa, 1966, p. 287.

9. Idem, p. 287.

objetivo reconstruir o edifício¹⁰, adaptando-o à instalação da Secção da Casa Pia masculina. Atualmente encontra-se devoluto, com obras de conservação.

O mosteiro de S. Bento de Cástris, objeto do presente trabalho encontra-se classificado como Monumento Nacional (M.N.) desde 1922, integrando desde 1962 Zona Especial de Proteção (Z.E.P.)¹¹.

2.2 Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação do convento

A análise de elementos iconográficos e cartográficos permite obter uma visão cronológica da evolução das cidades, das suas malhas urbanas e dos seus edifícios, sendo um auxiliar precioso nestas análises.

No caso em estudo, a informação a que se teve acesso, não incide diretamente sobre o edifício porque este se situava a alguma distância da urbe. O poder então vigente tinha interesse apenas na representação da cidade e da sua envolvente próxima.

Numa carta existente na Biblioteca Nacional de França e datada de 1667, Évora é representada na totalidade do seu sistema de fortificações. Nesta planta aquarelada é exequível reconhecer o traçado da arcaria do aqueduto entre o forte de Santo António e a cidade, a muralha exterior, assim como o fosso que a circundava, sem água, e a estrada que passava pelo mosteiro de S. Bento em direção a Arraiolos (Fig. 3).

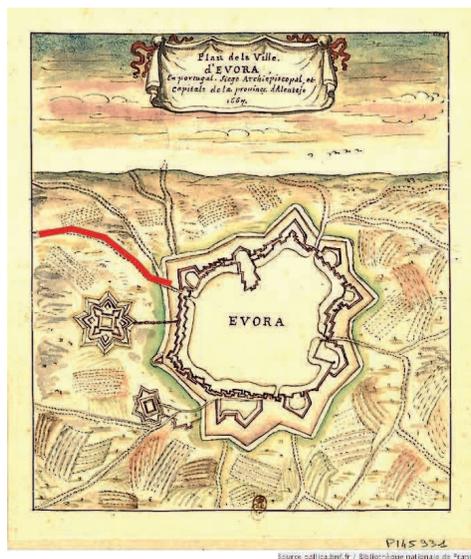


Fig. 3 — BOUDAN, Louis (?), *Plan de la Ville d'Évora en Portugal, Siege Archiépisopal, et Capitale de la province d'Alentejo 1667*. [fortificações, desenho aquarelado, sobre papel]. Fonte: BNF.

10. Cf. Arquivo DGEMN – *Convento de S. Bento de Cástris, processo de obras*. Documento de 5 de fevereiro de 1944.

11. Tomé, Miguel Jorge, “A INTERVENÇÃO DOS “MONUMENTOS NACIONAIS” NOS EXTINTOS MOSTEIROS DE AROUCA, LORVÃO E S. BENTO DE CÁSTRIS”, *Revista da Faculdade de Letras, CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*, Porto, 2003, I Série, vol. 2, pp. 703-734. Na p. 708, encontram-se as razões da classificação do mosteiro: “S. Bento de Cástris foi classificado somente em julho de 1922, na sequência da ação de reconhecimento protagonizada pela associação de defesa do património “Grupo pró-Évora”. A zona de proteção aprovada tem parte dela vedada à construção, constituída por zona *non edificandi*”.

A figura 4 representa um desenho aguarelado da cidade de Évora, da autoria de *Pier Maria Baldi*, executado a partir da quinta dos Meninos Órfãos no ano de 1669 e que se encontra depositado na Biblioteca Laureniana de Florença. O panorama não chega a abranger o mosteiro de S. Bento de Cástris, no entanto, é um contributo valioso para a perceção da localização da cidade e arredores naquela época.



Fig. 4 — BALDI, Pier Maria, [Évora desenho aguarelado, sobre papel]. [janeiro] 1669. Fonte: BLF.

Do cartógrafo *Lorenzo Possi* existem dois registos, em planta e vista perspetivada da Cidade de Évora (Figs. 5 e 6), inseridas no atlas *Medici* de *Lorenzo Possi*, de 1687. Constituem um elemento de referência para entender que o desenvolvimento da cidade não extravasava o recinto amuralhado, e deste modo o mosteiro continuava a uma distância considerável da cidade, mantendo o espírito cisterciense de isolamento.



Fig. 5 – Representação perspetivada da cidade de Évora no *El atlas Medici* de *Lorenzo Possi* de 1687. Fonte: BF.



Fig. 6 – Representação da planta da cidade de Évora em *El atlas Medici* de Lorenzo Possi “*Piante d’Estremadura e di Catalogna*” de 1687. Fonte: BF.

Em planta desenhada sem data precisa, entre 1750-1790 foi efetuado o primeiro levantamento parcial da cidade amuralhada de Évora e sua área envolvente. A planta executada com muito pormenor, não abrange o mosteiro de S. Bento, terminando a área representada com a implantação do convento de *Scala Coeli* (conhecido como o convento da Cartuxa). A qualidade e a precisão de tal documento gráfico possibilitam a obtenção de inúmeros elementos para a compreensão não só do espaço e sua modulação, mas também dos seus recursos naturais (Fig. 7).

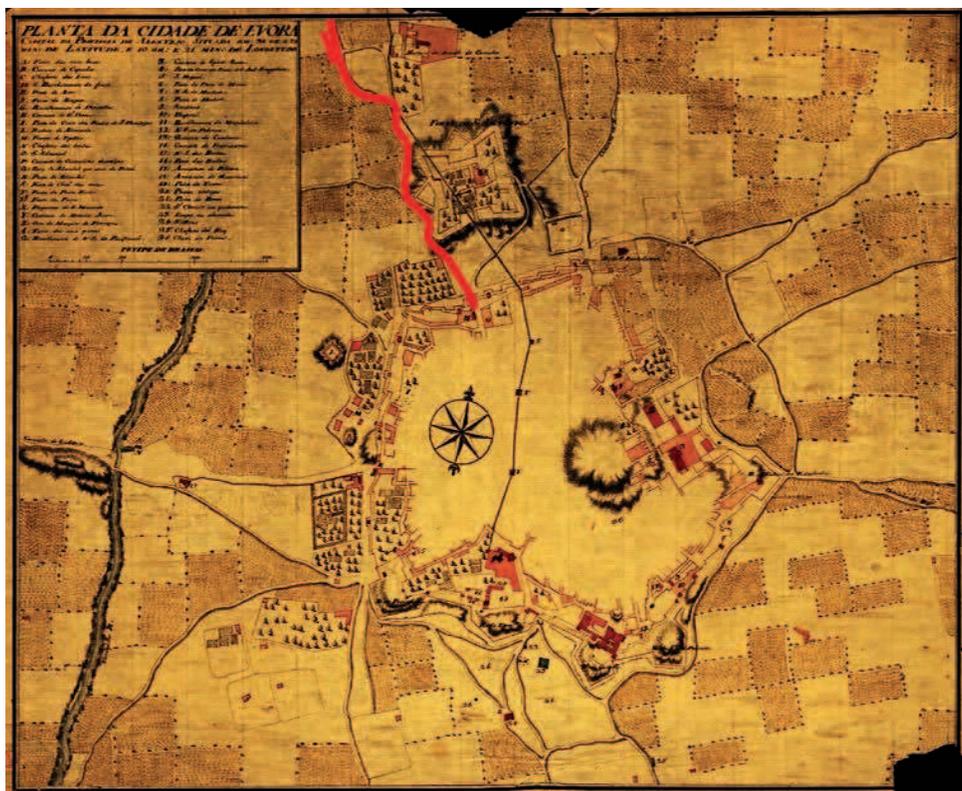


Fig. 7 — Planta da cidade de Évora. [desenho tinta-da-china, aguarelado, sobre tela]. [entre 1750-1790 (?)]. Fonte: BNP.

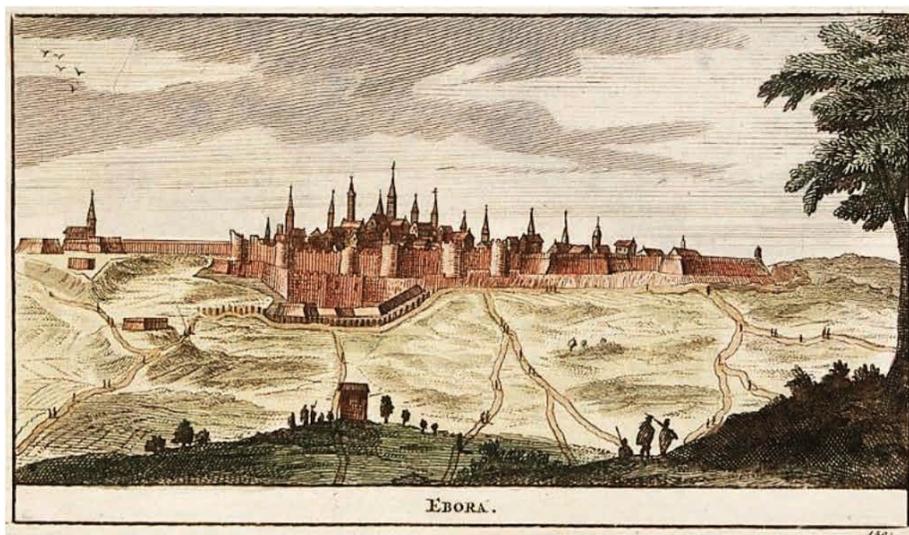


Fig. 8 — AA, Van der [cartografo]. Évora. [gravura sobre papel, dimensão da folha 9,2x15,5 cm]. Leiden: 1715. Fonte: coleção N. Conde.

Na gravura de *Van der AA*, podemos observar a cidade de Évora, tal como seria vista a partir de S. Bento de Cástris (Fig.8).

Nesta planta de 1808, de cariz eminentemente militar, está representada a edificação do mosteiro de S. Bento, associada a um pinheiro manso de grandes dimensões para auxiliar a identificação do local. O edifício e o pinheiro manso encontram-se referenciado nas descrições do mosteiro e, no lado oposto, a representação simbólica dos moinhos no alto de S. Bento.

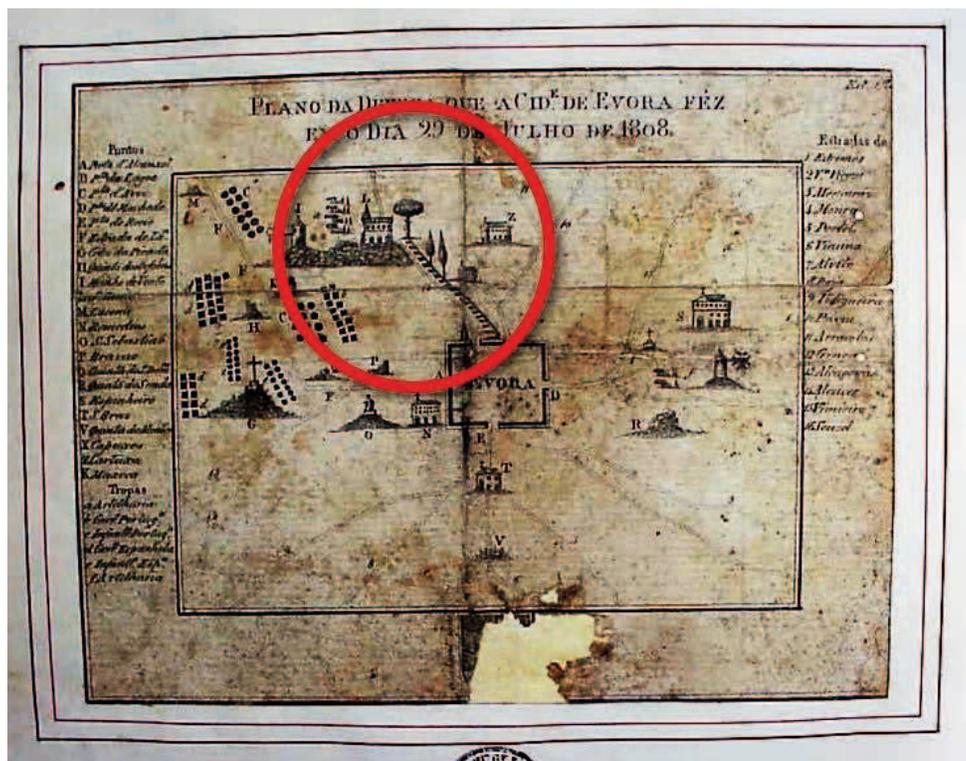


Fig. 9 — Plano de defesa da cidade de Évora, 1808. Fonte: BPE.

Na planta do Património Extramuros da Cidade, surgem representadas a vermelho as edificações já aprovadas, a cinzento-escuro, a construção existente, a verde a zona verde monumental, com o mosteiro de S. Bento de Cástris. Verifica-se a expansão da mancha urbana para oeste. A classificação de zona verde monumental, poderá salvaguardar o impedimento da evolução nesse sentido (Fig. 10).

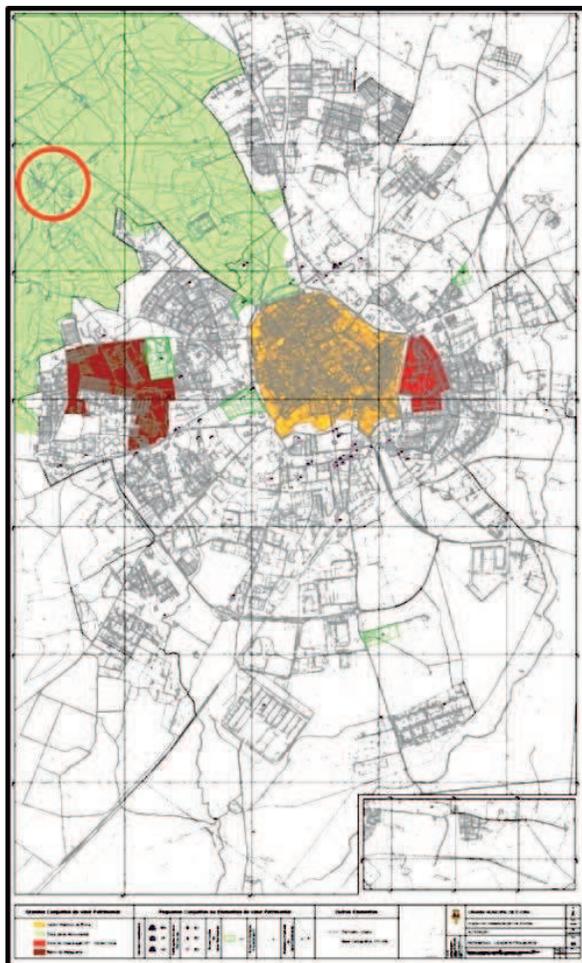


Fig. 10 — O Plano de Urbanização de Évora integra entre outros elementos a Planta do Património Extramuros da cidade, que aparece nesta figura. Fonte: CME.

2.3 Breves notas sobre a arquitetura do Mosteiro de S. Bento de Cástris

Pode considerar-se que a génese das plantas das abadias cistercienses derivam das plantas das primitivas abadias beneditinas de que a de *S. Gall* é um exemplo, no que respeita à distribuição dos espaços monásticos, que se adaptam às necessidades de uma comunidade fechada e autónoma. Na figura 11, com a representação da planta de *S. Gall*, assinalam-se os espaços em torno dos quais se desenvolviam as outras dependências do mosteiro, cujo aspeto exterior seria o representado na figura 12. É provável que estes princípios arquitetónicos foram referência para a construção do mosteiro de S. Bento de Cástris.

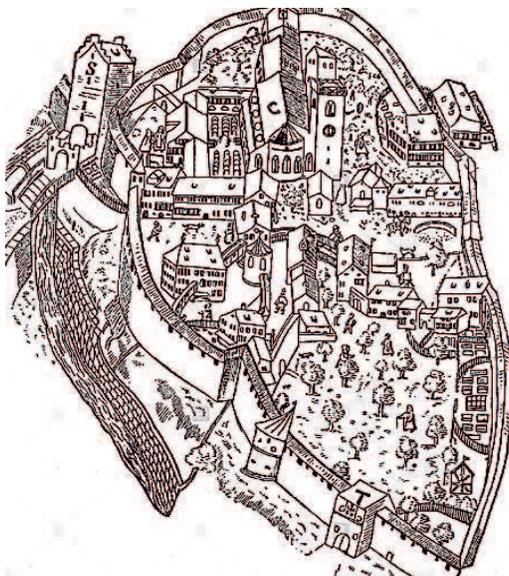
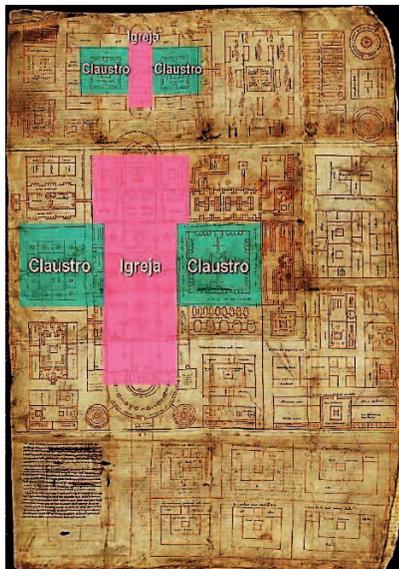


Fig. 11 — Planta de Saint Gall. *Codex Sangallensis*. Fonte: *Stiftsbibliothek Sankt Gallen*.

Fig. 12 — Mosteiro de St. Gallen na Suíça, 1596, publicado no século XIX. Fonte: *Alamy*.

O conjunto monástico de S. Bento de Cástris (Fig. 13) cuja construção inicial remonta ao século XII patenteia na volumetria diversificada do seu edificado, que mostra as variadíssimas intervenções de que foi objeto no decurso do seu longo percurso. A entrada no mosteiro é realizada por um portão rematado pelas armas da Ordem de Cister (Fig. 14) que conduz a um espaço designado como pátio da carruagem (Fig. 15)¹².



Fig. 13 — Vista global do mosteiro de S. Bento de Cástris. Fonte: acervo pessoal.

12. ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora - volume I), Lisboa, 1966, p. 288.



Fig. 14 — Vista do portão de acesso ao mosteiro. Fonte: acervo pessoal.

Fig. 15 — Brasão de armas que encima o portão de acesso. Fonte: acervo pessoal.

Génese da tipologia de distribuição de espaços em abadias femininas cistercienses.

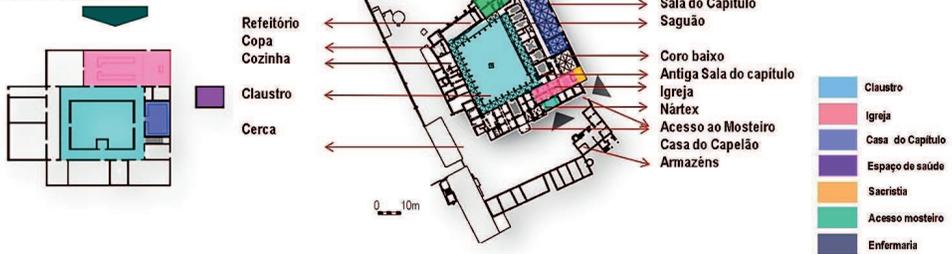


Fig. 16 – Planta do piso térreo do mosteiro. Fonte: planta desenhada por M. C. Tereno com base em *Monumentos.pt*.

O acesso ao conjunto edificado faz-se pela entrada que conduz à portaria, e esta para o espaço do claustro. Procurou mostrar-se na figura 16, uma planta tipo de uma abadia cisterciense feminina, com os principais espaços salientados a cor, a sua correspondência à planta do mosteiro de S. Bento de Cástris e a respetiva distribuição.

De planta trapezoidal, é composto por dois pisos e teve o seu início nos finais do século XV tendo sido terminado por Estêvão Lourenço em 1520. Na zona mais antiga do claustro, salienta-se uma galeria gótico-mudéjar com arcos geminados que se apoiam em colunas com capitéis ornamentados com motivos vegetalistas e antropomórficos. Mais tarde, em 1687, a estrutura do claustro foi consolidada, sendo concluídas as duas alas que se encontravam em falta. Também na mesma fachada da porta de entrada, se encontra o portal de acesso à igreja, lateralizado, tal como acontece nas das casas femininas da Ordem. Consagrada em 1328, apresenta planta em cruz latina e nave única, tendo sido alvo

de grandes transformações no reinado de D. Manuel. Durante o século XVIII foi renovado o seu interior, com a construção do altar-mor em talha dourada, a inclusão de telas e painéis azulejares. Na ala norte, que corresponde ao antigo refeitório e rouparia, podem observar-se os vários pisos. Parte da antiga enfermaria remonta ao século XVI e é uma sala ampla repartida em nove tramos sustentados por colunas dóricas em granito onde se apoiam as abóbadas de nervuras. Em 1697, foi ampliada pela construção de um piso superior que tinha entrada pelos dormitórios comuns e por uma escada exterior que comunica com o Pátio da Lavagem¹³. A ala nascente é ocupada no seu interior pela Sala do Capítulo e pela cabeceira da igreja, na zona que se situa mais à esquerda. A ala nascente apresenta dois corpos paralelos de épocas distintas, separados por um saguão. A parede exterior da primeira construção corresponderia à parede exterior primitiva do mosteiro. Os novos dormitórios do mosteiro que se situam nesta ala por cima da Sala do Capítulo incluíam as instalações das noviças e professoras. A ala sul do claustro compreende o nártex, a igreja e o seu altar-mor, a portaria, a entrada e outras dependências pequenas. Na ala poente do claustro situam-se a zona do atual refeitório, a copa e a cozinha. Estas últimas mantiveram a localização prévia, mas o restante desta ala foi muito intervencionado. A Nordeste situa-se a antiga enfermaria/lavandaria. Na ala norte encontram-se o refeitório e algumas salas sem nada de assinalável, o conjunto destes espaços pode ser apreciado em pequenos apontamentos que constituem a figura 17.

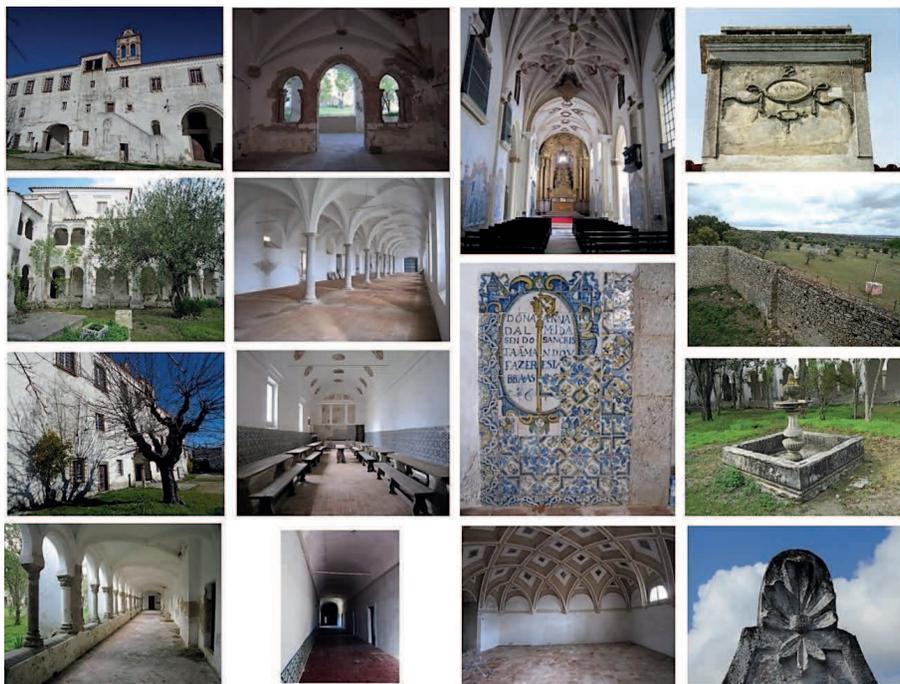


Fig. 17 – Diversos aspetos do mosteiro de S. Bento de Cástris. Fonte: acervo pessoal.

13. ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal*, ob. cit., p. 292.

3 | S. BERNARDO DE PORTALEGRE (PORTALEGRE, 1518)

3.1 Breves notas históricas

As descrições existentes da cidade de Portalegre são muitas, mas o Pe. António Carvalho da Costa¹⁴, destaca sobre a região de Portalegre, o terreno acidentado, a existência



Fig. 18 – FER, Nicolas de, 1646-1720. *La glorieuse campagne de Pilippe V aux environs du Tage dans les provinces de Beira, Estremadura et Alentejo* (1704). Fonte: BNP.

de muitas fontes, de caudalosos rios, de denso arvoredado com árvores de fruto, a qualidade do azeite, e algumas indústrias existentes na região (Fig. 18). O autor ainda refere, a existência de outras casas religiosas¹⁵ em paralelo com o mosteiro em estudo. Entre 1531 e 33 ocorrem dois fatores de relevância para a história do mosteiro, a criação dos estatutos e a filiação ao Mosteiro de Claraval. Mais tarde, em 1572 advém a construção

14. "A latitud de 39. grãos, e 12. minutos, & na longitud de 13, grãos, 52. minutos, duas legoas distante da raya Castelhana, & nove da Cidade de Elvas para o Norte, tem sêu assento a de Portalegre, fundada no alto de hu monte, fresco, & delicioso sitio, a quem banhaõ as cristalinas águas de dez fontes, que despendendo as em perene curso, fazem parecer aquelle terreno mais vistoso.". In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, tomo 2, p. 555.

15. "Tem esta Cidade tres Conventos de Fradês, hum de S Francisco, outro dos Agostinhos Descalços, & o Collegio dos Padres da Cõpanhia, hú Mosteiro de Freyras Frãiscanas, & outro de Religiosas Bernardas fora dos muros à vista da Cidade, que fundou D. Jorge de Mello Bispo da Guarda, cuja Igreja he sagrada, como confia de hu letreiro, que se conserva à parte esquerda no arco da Capella mor[...]. Na Capella de N. Senhora da Conceição desta Igreja até o dito Bispo D. Jorge de Mello Seu enterro, hua das mais soberbas, e sumptuosas sepulturas que ha neste Reyno". In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, tomo 2, p. 557.

da cerca. A igreja foi consagrada em 1587, e no início do século seguinte, numa nova campanha de obras, inicia-se a construção da cerca nova abrangendo o dormitório novo localizado a norte e perpendicular aos claustros. O restauro do mosteiro ocorreu entre 1776 e 1777, período de regresso das monjas. A extinção do mosteiro foi em 1878, por falecimento da última residente, e no ano seguinte o antigo complexo monástico converteu-se em Seminário Diocesano. De 1880 a 1887, o mosteiro albergou o Liceu até 1911, quando passou para o Ministério do Exército, onde coexistem instituições militares e paramilitares, até à atualidade. A igreja abrigou o Museu Municipal de 1932 a 1961. Em 1910 o conjunto foi classificado como monumento nacional¹⁶.

3.2 Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação do mosteiro

Numa planta datada de cerca de 1680/90 (Fig. 19), está representada a cidade de Portalegre com particular incidência nas fortificações que defendem os arrabaldes situados a poente e sul. O mosteiro de S. Bernardo encontrava-se localizado em local elevado e naturalmente abrigado por uma encosta. A nascente situava-se uma Torre defensiva¹⁷. Nesta carta observa-se que a igreja já se encontrava edificada, ladeada a nascente e poente por duas construções. O limite do conjunto está bem definido, salientando-se a diferenciação de duas cercas arborizadas. De referir o pátio do carro/carruagem e um espaço livre fronteiro à igreja.

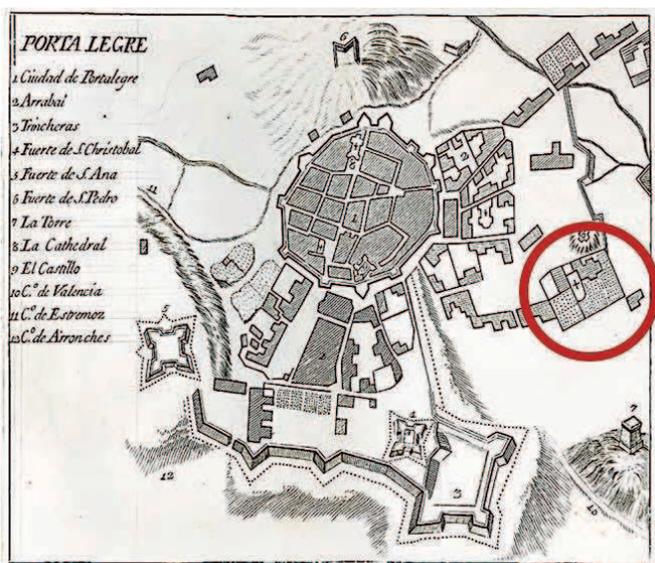


Fig. 19 — *Praças-fortes em Portugal*, [S.l.: s.n., entre 1680 e 1690?]. - [16], 14 gravuras em água-forte e buril, Fonte: BNP.

16. Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 junho 1910 (Igreja de São Bernardo e o túmulo de D. Jorge de Melo) / Decreto n.º 32 973, DG, 1.ª série n.º 175 de 18 agosto 1943 (Os dois claustros do convento anexo à Igreja de São Bernardo) / ZEP, Portaria, DG, 2.ª série, n.º 117, de 18 maio 1957 (Os dois claustros do convento anexo à Igreja de São Bernardo) / Incluído na Área Protegida da Serra de São Mamede.

17. Nome da Torre cuja atual designação é Atalaião.

Na planta de 1687 de Possi⁸, o conjunto edificado está simbolicamente definido por um retângulo cujo interior tem a representação da igreja. A cerca apresenta uma configuração poligonal que se aproxima já da forma atual (Fig. 20).

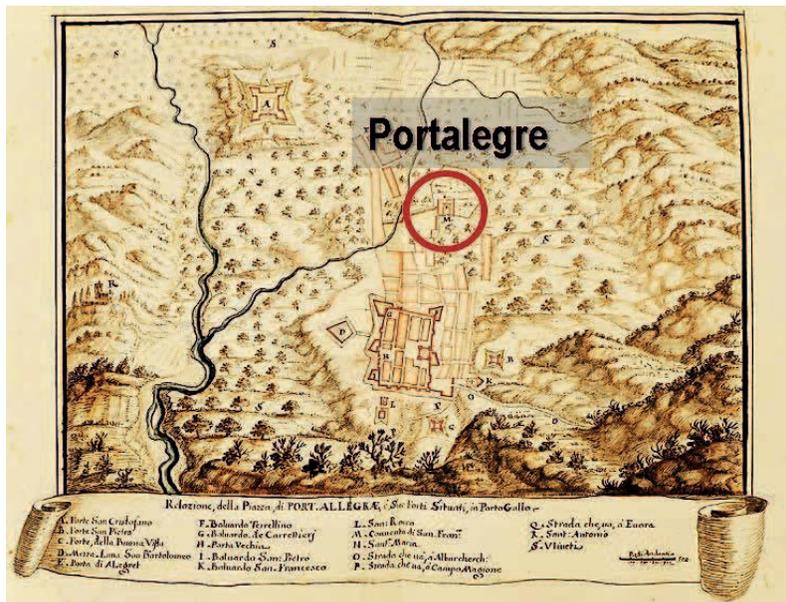


Fig. 20 — Representação da planta da cidade de Portalegre no *El atlas Medici de Lorenzo Possi* “*Piante d’Estremadura e di Catalogna*” de 1687.

Na planta de *Cliquet* (Fig. 21), surge a representação simbólica da cidade de Portalegre em 1704, com indicação da existência de igrejas, baluartes e casario.



Fig. 21 — Extrato de *CLIQUET. Le royaume de Portugal et partie D’Espagne tire d’Alphonso de a Costa et de Ferdylxera Geographe Portuguais. A Paris chez Cliquet rue St. Jaques a l’Image de St. Remy. A cidade de Portalegre. Paris: 1704. Fonte: coleção N. Conde.*

18. *El Atlas Medici de Lorenzo Possi* “*Piante d’Estremadura e di Catalogna*” de 1687.

Num álbum desenhado por *George Cumberland*, durante as campanhas de *Wellington*, cerca de 1823 (Fig. 22), uma aguarela mostra o local de implantação do Mosteiros e sua área envolvente, que na época se encontrava livre de edificações.

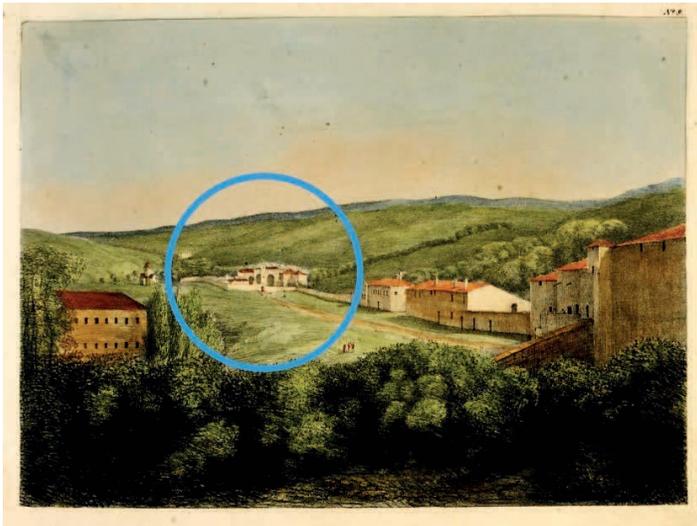


Fig. 22 — CUMBERLAND, George, *Views in Spain and Portugal taking during the campaigns of his grace the Duke of Wellington* / London: printed by William Nicol., 1823. Fonte: BNP.

Numa carta de 1801 (Fig. 23), a volumetria da planta do mosteiro é mais completa do que nas cartas anteriores, mostrando a evolução cronológica do mosteiro.

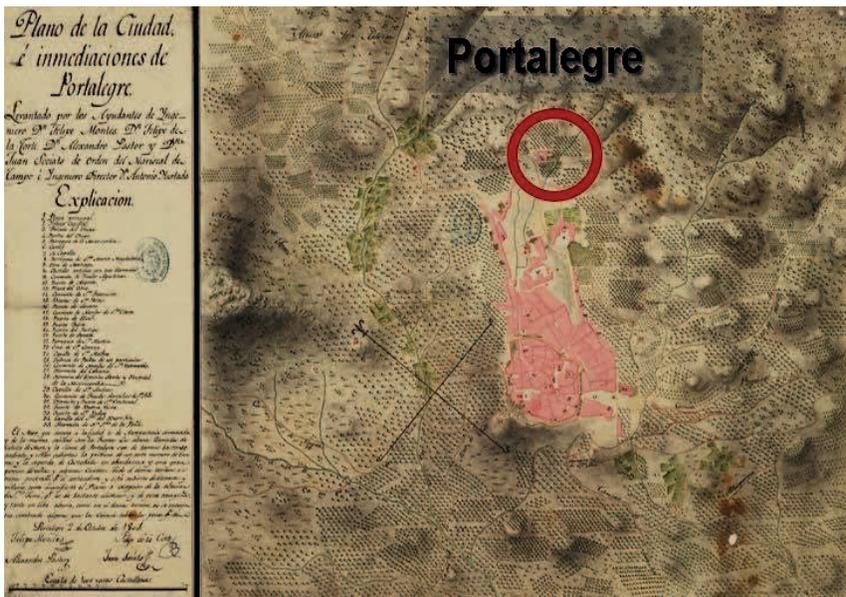


Fig. 23 — *Plano de la Ciudad e inmediaciones de Portalegre. Levantado por los Ayudantes de Ingeniero D. Felipe Montes...* 1801. Fonte: AHMM.

Numa planta da cidade de Portalegre elaborada em 1929 (Fig. 24), muito pormenorizada, observa-se o antigo conjunto monástico totalmente consolidado, com dois claustros, a cerca vedada, a exploração diversificada do terreno, com as circulações interiores, à data existente. No que respeita ao espaço envolvente, verifica-se que até essa data a cidade se expandiu no sentido da união dos dois arrabaldes de génese medieva, continuando livres todos os espaços envolventes à mais recente cintura amuralhada.



Fig. 24 — MELO, António Bacha e, *Planta da Cidade de Portalegre*. 1929. Fonte: A.D.P.

Em carta de meados do século XX, a zona envolvente ao mosteiro continua com reduzido índice de ocupação, provavelmente devido à situação topográfica da implantação do mosteiro.

3.3 Breves notas sobre a arquitetura do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre

O Mosteiro de São Bernardo dedicado a Nossa Senhora da Conceição (Figs. 25 e 26), foi fundado em 1518 pelo bispo da Guarda, D. Jorge de Melo, com o objetivo albergar as monjas cistercienses. A planta do antigo complexo é definida pela igreja com a fachada principal orientada a sul, à qual se associa uma torre sineira.



Fig. 25 – Vista da fachada principal do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Fonte: acervo pessoal.



Fig. 26 – Vista do Brasão de Armas do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Fonte: acervo pessoal.

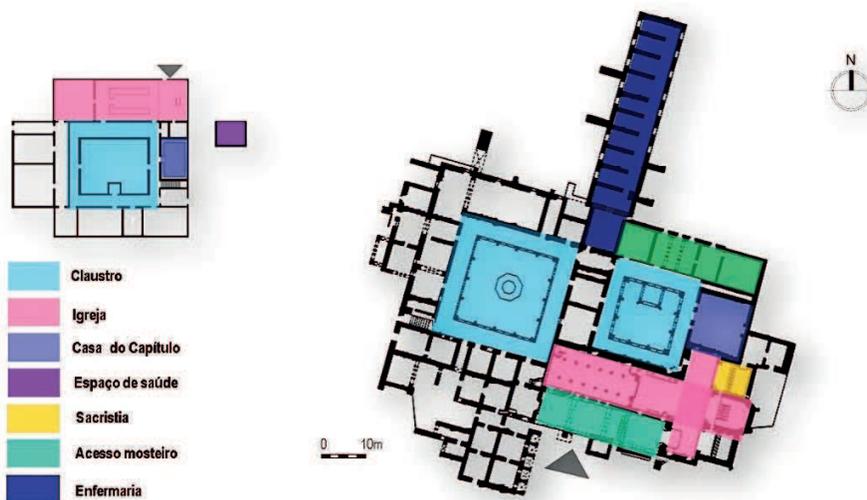


Fig. 27 – Planta do piso térreo do mosteiro. Fonte: planta desenhada por M. C. Tereno com base em Ana Tavares Martins.

Este mosteiro encontra-se delimitado pela cerca. No Tratado da Cidade de Portalegre (1619), D. Diogo SottoMayor citado por Francisco Gusmão¹⁹, menciona que D. Francisca da Silva foi responsável pela construção do dormitório novo. Algumas das dependências do mosteiro já se encontravam concluídas em 1531, das quais se salientam a igreja, a sala do capítulo, o dormitório e o refeitório. À semelhança do estudo para o mosteiro de S. Bento de Cástris, procurou estabelecer-se uma comparação entre a planta tipo de uma abadia cisterciense feminina e o mosteiro de S. Bernardo de Portalegre (Fig. 27), para identificar a distribuição dos espaços. O conjunto é composto por dois claustros com dois pisos, em torno dos quais se dispõem os espaços regulares. Na descrição de Francisco de Gusmão são referidas as diferenças que terão existido entre a primitiva edificação, menos sumptuosa do que a que descreveu na época²⁰. Descreve a planta da igreja cruciforme, com os seus altares laterais (incluindo o túmulo do Bispo D. Jorge de Melo), e os coros das monjas²¹.

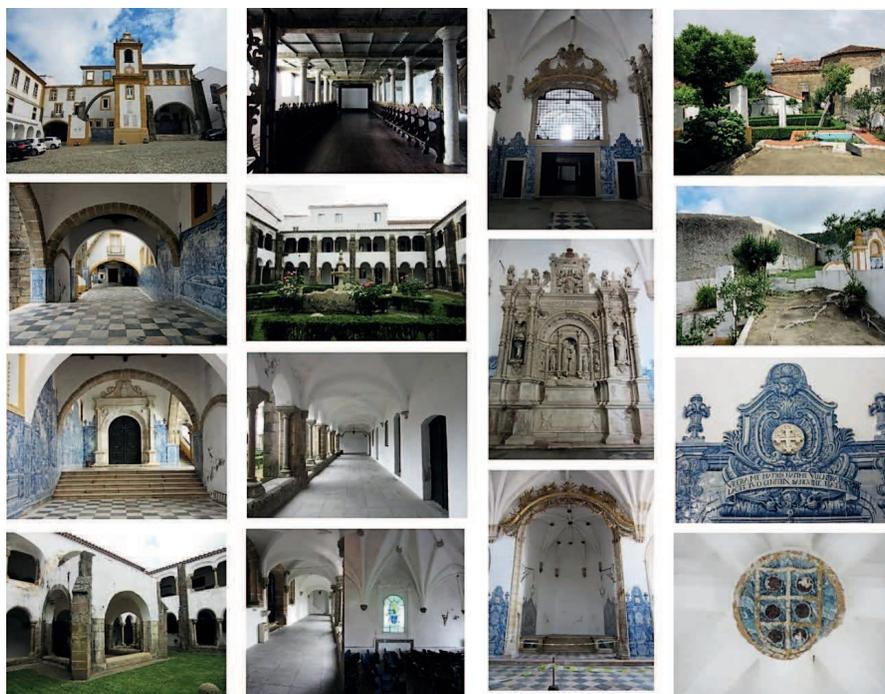


Fig. 28 – Alguns aspetos do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Fonte: acervo pessoal.

19. "Diz Diogo Pereira Souttomaior no seu Tratado da cidade de Portalegre, que a senhora D. Francisca da Silva, primeira abbadessa triennial, fôra quem mandára edificar o dormitório novo. Succedeu esta abbadessa á segunda abbadessa perpetua, a sr. a D. Joanna de Mello, que falleceu a 19 de junho de 1587; corre, por consequente, aquella edificação entre 1587 e 1590". GUSMÃO, Francisco Rodrigues de (1877-1879), *Memoria historica do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre. Boletim de Architectura e de Archeologia*. Lisboa. Série II. pp 77-78.

20. "E, comquanto apresente, ainda hoje, certo cunho de grandeza o conjuncto da edificação primitiva, não tem que ver, todavia, com a sumptuosidade do que, posteriormente, se lhe unira: o claustro, dormitório e refeitório novos são mais vastos do que os antigos". Idem, pp. 77-78.

21. "O templo é de fôrma crucial, com tres altares de frente e dois lateraes, se como tal considerarmos o tumulo do bispo, posto que n'elle se não possam celebrar os officios divinos. Idem, p. 108.

Refere ainda que da construção primitiva subsistiam as paredes, as abóbadas e o mausoléu, sendo toda a restante construção posterior²². Menciona também o revestimento a azulejo da igreja cerca de 1739, e a alteração do arco da capela-mor²³.

A volumetria do conjunto compõe-se de diversos corpos envolventes a dois claustros quadrangulares, de dois pisos, situados a nascente, o mais antigo (1518 -1533) com lavabo, também de planta quadrangular, e poente (terminado em 1547), pelos quais se distribuem as dependências regulares. Na figura 28 podem ser vistos alguns dos aspetos mencionados que respeitam ao mosteiro de S. Bernardo de Portalegre.

4 | NOSSA SENHORA DA NAZARETH DO MOCAMBO (LISBOA, 1653)

4.1 Breves notas históricas

A génese da cidade de Lisboa remonta a épocas muito recuadas. Diversos foram os povos que ocuparam esta cidade ribeirinha deixando a marca da sua passagem, em muitos assentamentos cujos vestígios chegaram à atualidade. Muitas descrições têm sido realizadas, e salienta-se a do Padre António Carvalho Costa²⁴ que a refere como um local aprazível e com clima temperado. Descreve a cidade através das suas sete colinas e das freguesias que nelas se encontravam²⁵.

O Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo²⁶ (Abadia de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo / Convento das Bernardas do Mocambo / Real Mosteiro da Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo) foi mandado erigir no antigo Bairro do Mocambo (atual Madragoa). Teve a sua génese entre 1653²⁷ e 1654 no Recolhimento de Santa Madalena,

22. “Os braços da cruz estão desocupados; o direito dá acesso a quem entra no templo. Do primitivo restara apenas as paredes, a abóbada com suas laçarias, e o mausoléu de D. Jorge. De fabrica moderna, evidentemente, são as janelas, os retábulos da capella-mór e da capella fronteira ao tumulto do bispo”. Idem, p. 109.

23. “Cremos que estas novas construcções se operaram em 1739, quando se cobriram de azulejos as paredes da egreja até á altura em que presentemente se acham cobertas. É provável que n’esse anuo se removesse do arco da capella-mór, onde se achava á parte esquerda, o mármore com a inscripção transcripta para o logar superior á pia de agua benta”. Idem, p. 109.

24. “Está na latitude Boreal de 38. graos, 48, mantos, & na longitude de 12. graos, na parte mais Occidental de Espanha, & em taõ dócil clima , que sem que a offendao os ardores do Estio, temperados com o vento Oeste que chamamos viraçao, com a vizinhança do mar, & com a frescura dos valles, nao padece excessiva calma; sendo o Inverno ainda menos rigoroso, porque o Sol com a sua presença, quasi sempre livre de nuvens,& névoas,& sem que nunca caia neve, o que se contará como prodigio; fica sendo o seu fértil terreno huma perpetua Primavera”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA...*, tomo terceiro, Lisboa, 1708, p. 339.

25. “O quinto monte he o de S. Roque, que se começa a levantar defronte da porta do Ouro, & correndo junto do valle, que entre elle, &; o Castelo fica entreposto, ate dar em hum pequeno valle junto ao Mosteyro dito da Esperança, aonde dá fim a principal parte desta Cidade.” In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL ...*, tomo III, p. 341.

26. É essa a opinião do Padre António Costa: “O Mosteyro de N. Senhora de Nazareth, de Religiosas Recoletas da Ordem de S. Bernardo, teve principio em hum Recolhimento de mulheres penitentes, que era de huma Maria da Cruz, e se começou a fundar no anno de 1653. Sendo Geral de Alcobaca o R. P. Fr. Geraldo Pestana.”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, p. 518.

27. “Nossa Senhora da Nazareth, de religiosas recoletas da ordem de S. Bernardo, que teve principio em um recolhimento, e em 1654 por deligencias de fr. Vivaldo de Vasconcellos, do conv.º de S. João de Tarouca, da mesma ordem, se formou em mosteiro, e vieram para mestras e fundadoras três exemplares religiosas do mosteiro de S. Bento de Évora, também da mesma ordem de S. Bernardo. Este mosteiro foi ext.” depois de 1834 passando as poucas religiosas que ainda ali residiam a ser incorporadas no Real Mosteiro de S. Dionisio ou (S. Diniz) de Odivellas.” In *Chorographia Moderna do Reyno de Portugal*, BATISTA, João Maria, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1876, p. 605.

em cujas casas se acomodaram as irmãs. Nesse mesmo ano, três freiras do Convento de São Bento de Cástris de Évora chegaram a Lisboa para fundarem o mosteiro²⁸. A clausura do convento, dedicado à Virgem Nossa Senhora da Nazaré foi encerrada em janeiro de 1655²⁹, mas as obras no complexo monástico ocorreram durante o século XVII, sendo concluídas em 1708. Porque o espaço era relativamente reduzido tiveram as freiras do Mocambo³⁰ de solicitar ao rei, em 1670, a aquisição de uma travessa, de modo a poderem expandir as suas instalações³¹. A construção da igreja, foi financiada pela rainha D. Catarina de Bragança segundo projeto de João Antunes em 1655. No dia 1 de novembro de 1755, o mosteiro foi quase integralmente destruído pelo terramoto, e as monjas temporariamente transferidas para o vizinho convento da Esperança. No ano seguinte foi realizada a compra da Quinta dos Louros, ao Campo Pequeno, para onde foram enviadas as religiosas. Três anos após o terramoto, iniciou-se as obras de reconstrução do mosteiro, seguindo os traços gerais da primeira casa religiosa com projeto do arquiteto italiano *Giacomo Azzolini*. Posteriormente foram transferidas para Setúbal em 1769³². As monjas regressaram ao mosteiro de Lisboa, em 1786 e aí permaneceram até 1850, altura em que as únicas três religiosas pediram para serem transferidas para outros conventos da mesma Ordem. Este complexo monástico encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público³³.

28. "...para o qual vierão para Mestras, 8c Fundadoras deih Religiofa Cafa a Madre Soror Antónia Moniz, para fer Abbadia, Soror Francisca de Vasconcellos, & Soror Maria de Almeida, suas irmãs, todas do Mosteyro de S. Bento d'Evora, para onde logo partio o dito P.Fr. Vivardo de Vasconcellos a conduzillas, donde veyo outra Religiosa chamada Ignes de Santa Maria, que se não foy a primeyra Abbadessa desta Casa, augmentou muyto a Recoleta com o seu exemplo, governo, & prudência". In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA...*, p. 518.

29. Na vigência da abadessa D. Antónia Moniz cujo nome em Cristo era Soror Antónia do Espírito Santo.

30. "Consulta, da camara, a el-rei em 10 de junho de 1670 «Senhor—A abbadessa e mais religiosas do convento de N.^a Snr.^a da Nazareth, das descalças do bem aventurado S. Bernardo, moradores no bairro do Mocambo, fizeram petição a este senado, dizendo que a respeito do grande aperto em que vivem, lhes fora t necessário alargar mais aquella obra, e que, para se haver de continuar a da egreja, precisamente necessitam de uma travessa que fica n'este mesmo sitio, onde estão uns pardieiros que compraram para formar o pateo d'ella. Fazendo o senado vistoria e mandando medir pelo mestre das obras da cidade, se achou que a travessa tinha de comprido cento e quinze palmos e de largura vinte ; entendendo o senado que não só se devia conceder ás supplicantes, pela necessidade que teem de alargar a egreja, mas que, além de não causar prejuízo algum ao publico, que fica lendo serventia por outra parte, seria mui conveniente, porque com isso se ficava evitando o servir de despejo a toda aquella vizinhança, com grande indecencia do serviço de Deus e do culto divino, em razão dos maus vapores que se communicam á egreja e a todo o convento; mas, porque a licença concedida não pôde ter logar sem a approvação de V. Alteza, recorre o senado a dar conta do que tem procedido. V. Alteza mandará o que fôr mais conveniente." In *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Eduardo Freire de Oliveira, Arquivista DA Camara Municipal da Mesma Cidade, Typographia Universal, Lisboa, tomo VII, 1893, p. 216

31. Entre os anos de 1664 e 1699 as monjas bernardas realizaram diversas petições para que lhes fosse cedida uma travessa (com cento e quinze palmos de comprimento e vinte de largura) que ligava a presente Rua do Castelo Picão à Travessa das Freiras Bernardas, por forma a puderem terminar as obras no convento, por terem já adquirido edificios nos quarteirões adjacentes. O pedido foi concedido, em princípio de setecentos e puderam terminar a obra.

32. Num documento de 19 de setembro de 1769, o rei D. José fez doação "... perpetua e irrevogável do Collegio [de S. Francisco Xavier] com sua cerca que tinha pertencido aos Padres da Companhia de Jezus, à comunidade das Religiosas ...". Um decreto emanado pelo abade geral D. Frei Manuel de Mendonça, obrigou à sua transferência para o referido Colégio, que ficava em Setúbal, e de que as freiras tomaram posse em 14 de outubro desse ano. Numa Carta Régia, de 1776, faz o rei doação de mais um terreno, também em Setúbal, onde podiam edificar. (ANTT, Inventário de extinção..., Cx. 1995, f. 0229).

33. Categoria: IIP - Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 2/96, DR, 1.ª série-B, n.º 56 de 06 março 1996 / ZEP: Portaria n.º 512/98, DR n.º 183 de 10 agosto 1998.

4.2 Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação do mosteiro

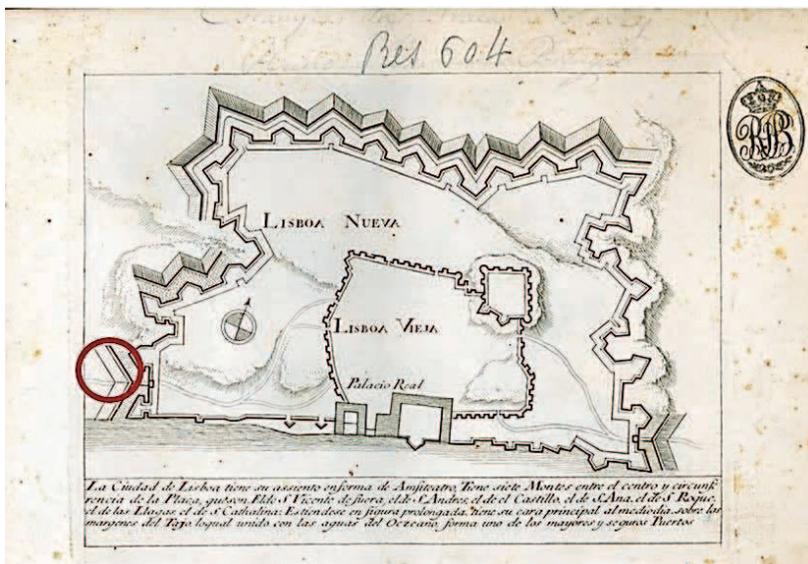


Fig. 29 - Praças-fortes em Portugal. S.d., s.a., entre 1680 e 1690 (?). Fonte: BNP.

Na figura 29, a cidade é representada pelas suas fortificações e principais caminhos, desconhecendo-se ao autor e a data de publicação.



Fig. 30 — Planta da cidade de [Lis]bo[a] em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar. TINOCO, João Nunes, ca 1610-1689. Fonte: BNP.

Na planta de João Nunes Tinoco com a indicação dos dois recintos amuralhados da cidade de Lisboa, datada entre 1680 e 1690 fica expresso que a edificação deste mosteiro se localizou para além destes dois recintos amuralhados, confirmado na figura 30.

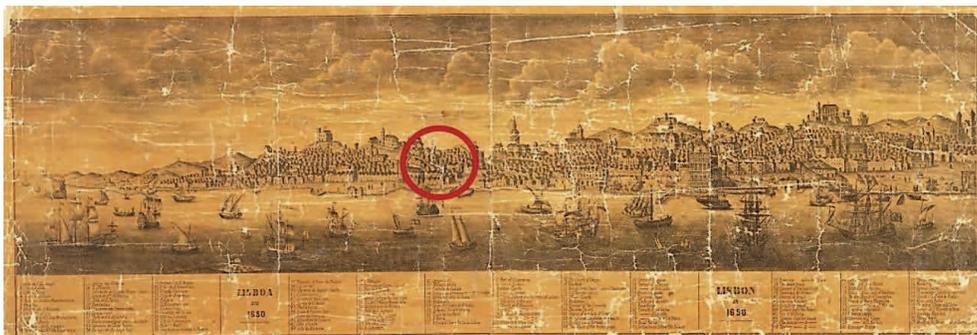


Fig. 31 — *Lisboa em 1650*. Antônio Patrício Pinto Rodrigues (?), 1844. Fonte: BNP: <http://purl.pt/27017>.

No panorama elaborado por Antônio Patrício Pinto Rodrigues (Fig. 31), de como seria a cidade de Lisboa cerca de 1650, nota-se a volumetria do edificado e a intensa atividade comercial inerente ao rio Tejo. O mosteiro situava-se muito próximo da frente ribeirinha, como se pode constatar na planta de José Monteiro Carvalho de 1756 (Fig. 32). Nesta planta, é patente a densificação urbana na área envolvente ao mosteiro, inclusive no que respeita ao quarteirão que o define.

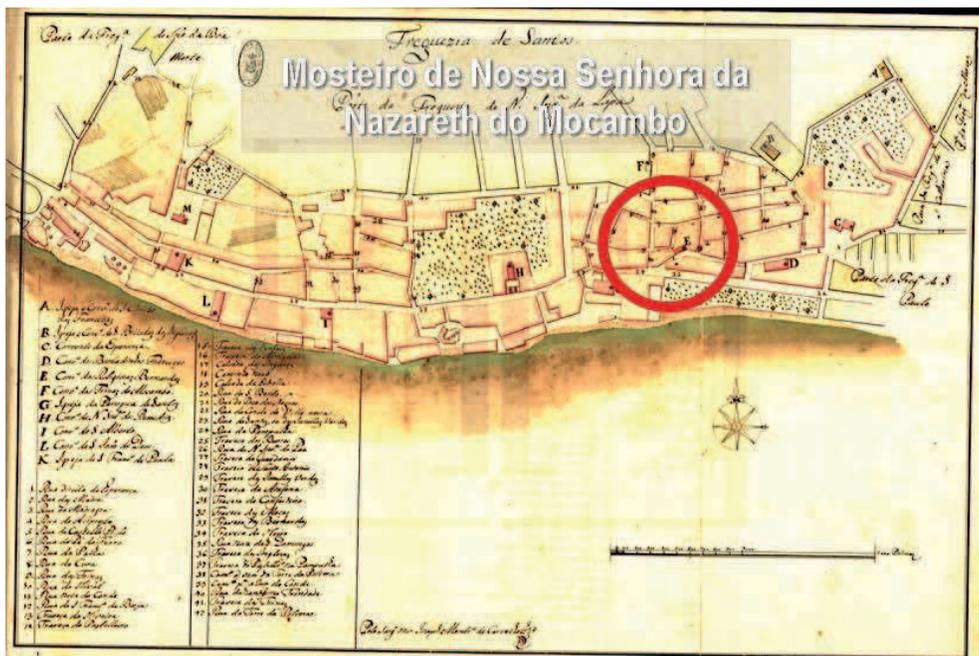


Fig. 32 — *Planta da Freguesia de Santos*. CARVALHO, José Monteiro de, [Livro das plantas das freguesias de Lisboa], nº 153, f. 34 (imagem 0034). Fonte: ANTT.

A iconografia de Bernardo de *Caula* (Fig. 33), executada imediatamente após o sismo, mostra as zonas da cidade mais afetadas, e também é visível a localização do mosteiro do Mocambo. Trata-se de um documento notável a nível de pormenorização, permitindo ter uma visão muito próxima da realidade (Fig. 34).



Fig. 33 — CAULA, Bernardo de, fl. 1763-1793, *Lisboa: vista e perspectiva da barra costa e cidade de Lisboa capital do reino de Portugal, situada na borda do rio Tejo em 38 graus 42 minutos e 50 segundos de latitude e em 8 graus 26 minutos e 15 segundos de longitude. Ainda que por causa do memorável terremoto do 1o novembro 1755 esteja muito desfigurada da nobreza que teve e acabada de redificar não cederá à melhor da Europa / Bernardo de Caula p.ro tenente dartilharia do algarve. 1763. Fonte: BNP.*



Fig. 34 – Pormenor da vista de Lisboa, localização da freguesia de Santos onde se insere o Mosteiro do Mocambo, de Bernardo de Caula. Fonte: BNP.

Numa planta topográfica da cidade de Lisboa datada do 3º quartel do séc. XVIII (Fig. 35), constata-se que a zona onde se inseria o mosteiro manteve a malha urbana primitiva anterior ao sismo de 1755, apesar de o edifício ter sofrido vultuosos danos. Em amarelo encontram-se representadas as novas zonas a edificar, e a vermelho a malha pré-existente.



Fig. 35 — Planta topográfica da cidade de Lisboa datada do 3º quartel do séc. XVIII. Fonte: CML/MC.

A carta topográfica elaborada por Duarte José Fava, de 1807, tem assinalado os conventos e mosteiros da cidade de Lisboa àquela data, e de que se salienta o Mosteiro do Mocambo (Figs. 36 e 37).

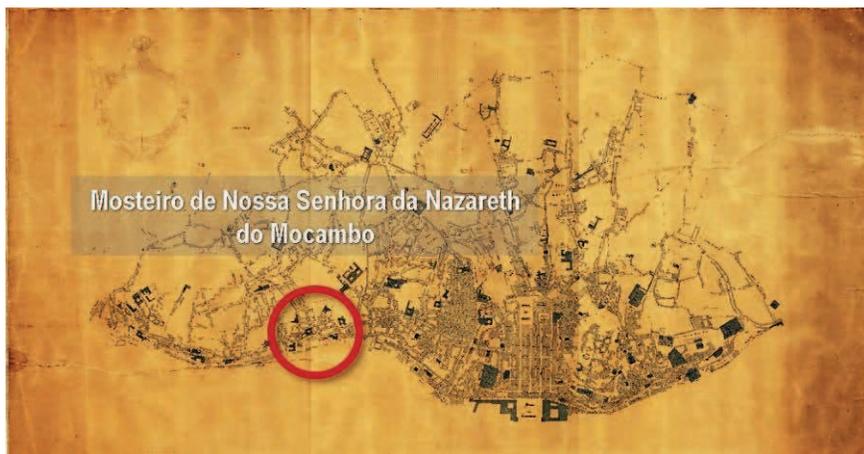


Fig. 36 — FAVA, Duarte José, [Carta Topográfica da cidade de Lisboa preparada em 1807]. Fonte: BNP.

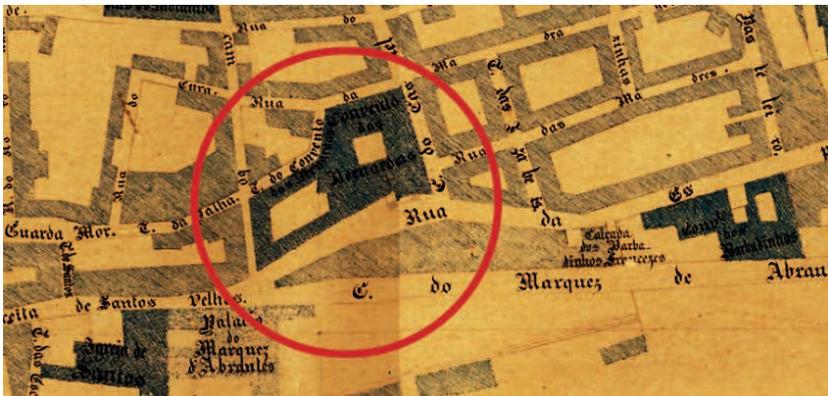


Fig. 37 — FAVA, Duarte José; - Pormenor da [Carta Topográfica da cidade de Lisboa preparada em 1807], com a localização do mosteiro. Fonte: BNP.



Fig. 38 — PLANO GERAL DA CIDADE DE LISBOA EM 1812 (ca 1820). Constantino (1802-1874), grav. met. Fonte: BNP.

No Plano geral da cidade de Lisboa de 1812 (Fig. 38), pode observar-se para além da malha urbana e mancha edificatória bem definidas, os espaços livres/agrícolas, com a indicação das zonas arborizadas e dos espaços hortícolas.



Fig. 39 — CLARKE, W. B., fl. ca 1840. Lisboa. Henshall, J., fl. 1833, grav. met.; Society for the Diffusion of Useful Knowledge (London) 1826-ca 1848, ed. lit. Fonte: BNP.

Na planta de 1840 (Fig. 39), é representado o relevo e linhas de água principais, assim como as frentes de construção existentes. De realce a iconografia, na qual é representada uma vista geral da cidade que abrange a área onde se insere o mosteiro.



Fig. 40 — *Planta de Lisboa: com todos os melhoramentos feitos e projectados na cidade.* José Vicente de Freitas. 1967. Fonte: IGEO.

Na planta de Lisboa de 1967 (Fig. 40), verifica-se que os ambiciosos traçados viários da planta anterior se concretizaram de forma mais modesta, não tendo estes fatores interferido na malha urbana envolvente ao mosteiro.

4.3 Breves notas sobre a arquitetura do Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo

Na obra de LIMA (1850)³⁴, pode encontrar-se uma descrição muito detalhada da forma como se articulavam os espaços conventuais, existentes antes do terramoto de 1755. A reconstrução do mosteiro parece indicar que o projeto realizado baseou-se no projeto inicial. Encontra-se uma descrição pormenorizada da igreja: “...Pera chegar à porta da igreja [...] se sobe [...] por uma escada de pedra muyto boa, e entrando pella porta da igreja se acham no corpo della tres capellas de cada parte, com seos retabolos dourados, de huma columna por banda, e a parede que fica entre capella e capella he revestida de um azolejo adamascado. E logo por cima dos arcos das capellas corre huma cimalha de marmore vermelho que corre toda a igreja à roda, até sambrar com o retabolo da capella mor. E por cima da ditta cimalha assenta hum andar de payneis quadrados, proporcionados à igreja, e entre elles tres janelas de cada parte, das quaes só as direyta dam luz à igreja, porque as da esquerda só servem de fazer apparente correspondência.”³⁵. E ainda uma referência à cobertura: “O tecto da capella he de abobeda, pintada com um brutesco ao moderno, de mininos, serafins e flores. No meyo se deyxta ver hum seistavado e dentro delle o anjo embayxador annunciando à Virgem o mystério da Encarnaçã”. Uma descrição da constituição do coro: “...Tem o primeyro lugar no edificio do mosteyro o coro, [...] com sincoenta e sete cadeyras lavradas com muyto primor, em madeira de angelim. O tecto he todo pintado muyto bem; há dentro delle duas capellas. Na que fica da parte do Evangelho logram as Religiosas deste mosteyro a consolaçam de lhe assistir o Divinissimo Sacramento, de que sam devotissimas, assim se esmeram no ornato e no asseyo da ditta capella. No outro lado, que he o da Epistola, corresponde à capella do Senhor outra em que inclui em si o Sanctuario, em que se veneram muytas e grandes reliquias bem ornadas. Alem das dittas duas capellas há mays no antecoro outra com grande asseyo, dedicada a Jesus Maria Joseph ...”. Numa outra descrição da igreja de 1712, a igreja é narrada como sendo de nave única, com a porta orientada a Sul e seis capelas laterais³⁶. Sobre a Sala do Capítulo: “... A casa do Capitulo sobre ser grande [...]

34. LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, fac-símile da ed. de 1850, 2 vols., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1972, pp. 447-449.

35. Uma descrição da decoração da capela-mor: “...Nos lados da capella mor há dous payneis de cada banda, fronteyros hum ao outro, com suas molduras de talha douradas, e no meyo dos payneis tem lugar huma janella de cada parte. O retabolo da capella mor he de duas collunas por banda, e entre ellas tem lugar a imagem de hum sancto. O retabolo he bem dourado e do mesmo modo a tribuna, com dous anjos que acompanham em cima a custodia...”. In LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, fac-símile da ed. de 1850, 2 vols., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1972, pp. 447-449.

36. “...A sua Igreja he de hua só nave, com a porta para o Sul: tem além da Capella mor (aonde està o Santissimo Sacramento com a Imagem da Senhora de Nazareth, em sua tribuna dourada, & S. Bernardo da parte da Epistola, & da

com huma capella, grande obra de talha, com hum paynel muy devoto que representa o Senhor atado à columna. Tem uma imagem grande do Senhor Crucificado, obra de marfim, lavrado na India...”. A descrição dos outros espaços conventuais é bastante mais sucinta, referindo os seis dormitórios que são revestidos a azulejaria³⁷. Ainda continuando a descrição do mosteiro:...” Há no interior deste convento grande numero de capellas, porque em cada hum dos seys dormitorios tem huma capella muyto asseada. E no claustro que tem este mosteyro, que fica no meyo de quatro dormitorios, e no fim de cada lanço há huma capella e no meyo outra com que vem a ser todas oyto as capellas todas de Passos da Payxam, a que acrescentaram mays outra de Nossa Senhora da Soledade, com as imagens de Sancto Ignacio e Sam Francisco Xavier. E por cima dos quatro lanços do claustro correm quatro varandas, sobre as quaes caem as janellas das cellas das Religiosas, que tem a sua habitaçam nos quatro dormitórios... ”³⁸.

A planta do edifício circunscribe-se a um quadrilátero que envolve um claustro com cinco arcos por banda. Neste claustro encontrava-se o acesso a duas cisternas, uma que se localizava centralmente e a outra num dos vértices do quadrilátero. Este claustro era inicialmente ajardinado, sendo, pois, o único espaço que permitia uma visão de elementos vegetais, já que pela sua implantação urbana em espaço restrito, este mosteiro não dispunha de cerca.

Num painel de azulejo representando uma panorâmica da cidade de Lisboa vista do Tejo, realizado com muito detalhe³⁹, pode ver-se um troço referente à antiga zona do Mocambo (atual Madragoa) e a implantação do antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo (Figs. 41 e 42).

parte do Evangelho S. Bento) dous Altares collateraes, & séis Capella no corpo da Igreja j o Altar da parte da Epistola he de S.Gonçalo, 8c o outro da parte do Evangelho he de Santo Antonio. As outras Capellas faõ a do Euangelista S Joaõ, a de Santa Anna com S Joaquim, e N. Senhora, & a de S. Pedro com os Apostolos S. Simaõ, & Judas, todas da parte da Epistola; as outras tres da parte do Evangelho Jaõa do grande Bautista, a de Jesus, Maria, Joseph, & a de Santa Ignes, todas leis douradas com seus payneis em igual correspondencia, que fazem a Igreja muy alegre, & vistosa. Residem neste Mosteyro quarenta & sete Monjas, & seis Conversas...”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA...*, p. 519.

37. “... Consta o mosteyro de seys dormitorios com bastante grandesa, azolejado todo em bastante altura, e as cellas todas que há nos dittos dormitorios sam pera mayor assejo todas azolejadas à roda, couza que se nam acha em todas as cellas de convento algum de que tenhamos noticia...”. In LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá noticia da fundação e fundadores das instituições religiosas...*, pp. 447-449.

38. In LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá noticia da fundação e fundadores das instituições religiosas...*, pp. 447-449.

39. A existência de um painel de azulejos representando a cidade de Lisboa vista do Tejo, julga-se ser oriundo do palácio dito de Santiago, situava-se na freguesia homónima à Sé (Vieira da Silva, 1932).



Fig. 41 — Vista geral do Mocambo (troço do painel de azulejos com uma vista de Lisboa, de cerca de 1700, existente no Museu Nacional do Azulejo). Fonte: <http://lisboaemazulejo.fcsh.unl.pt/>.



Fig. 42 — Pormenor do painel panorâmico da cidade de Lisboa com a vista do Mosteiro do Mocambo.

De data posterior, cerca de 1834, numa obra de Luís Gonzaga (Fig. 43), encontramos um desenho do autor, com a representação da fachada do mosteiro.

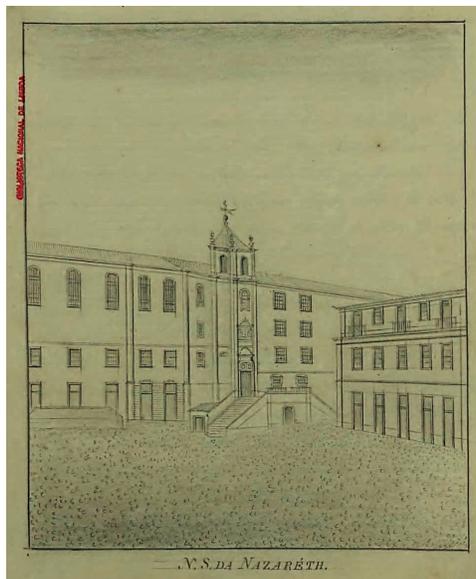


Fig. 43 — Desenho do Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo de Luís Gonzaga Pereira (1796-1868), in *Descrição dos monumentos sacros de Lisboa*, Luiz Gonzaga Pereira Anno de 1840.

No Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo, dadas as características específicas do edifício, bem como a inexistência de cerca, criaram uma concentração funcional dos espaços em torno do claustro. As últimas intervenções de que foi alvo, para ser convertido em espaços habitacionais, impedem atualmente a visão do que teria sido a distribuição de uma série de espaços monacais, tendo subsistido o claustro, a igreja e pouco mais que consiga identificar-se. Pode conjecturar-se que a zona mais plausível para a existência do espaço de saúde seria anexa à portaria do mosteiro, funcionaria como um espaço quase autónomo.

À semelhança dos casos anteriores se podem observar na figura 44 a possível organização funcional do mosteiro e na fig. 45 diversos aspetos do mesmo.

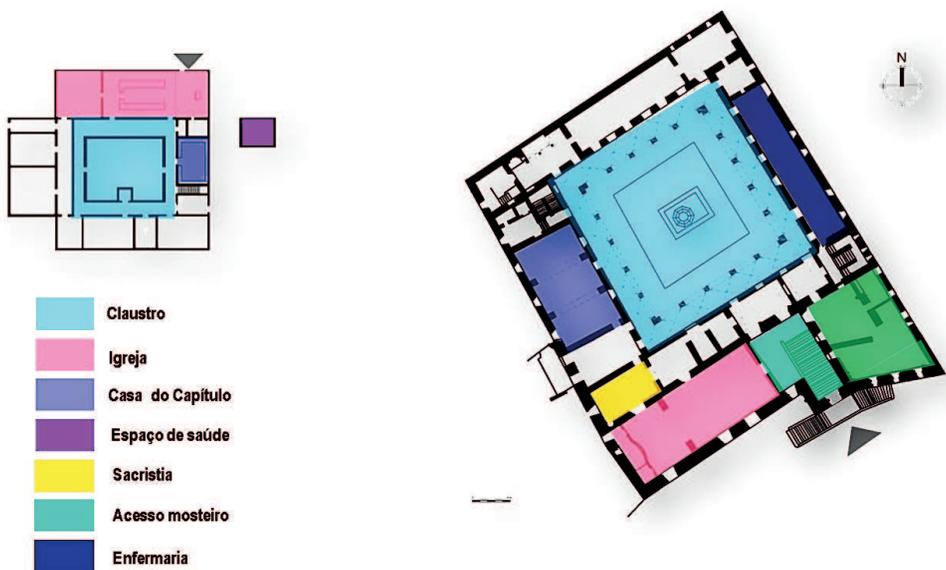


Fig. 44 — Planta do piso de acesso do mosteiro pela Rua da Esperança. Fonte: planta desenhada por M. C. Tereno com base em Ana Tavares Martins.

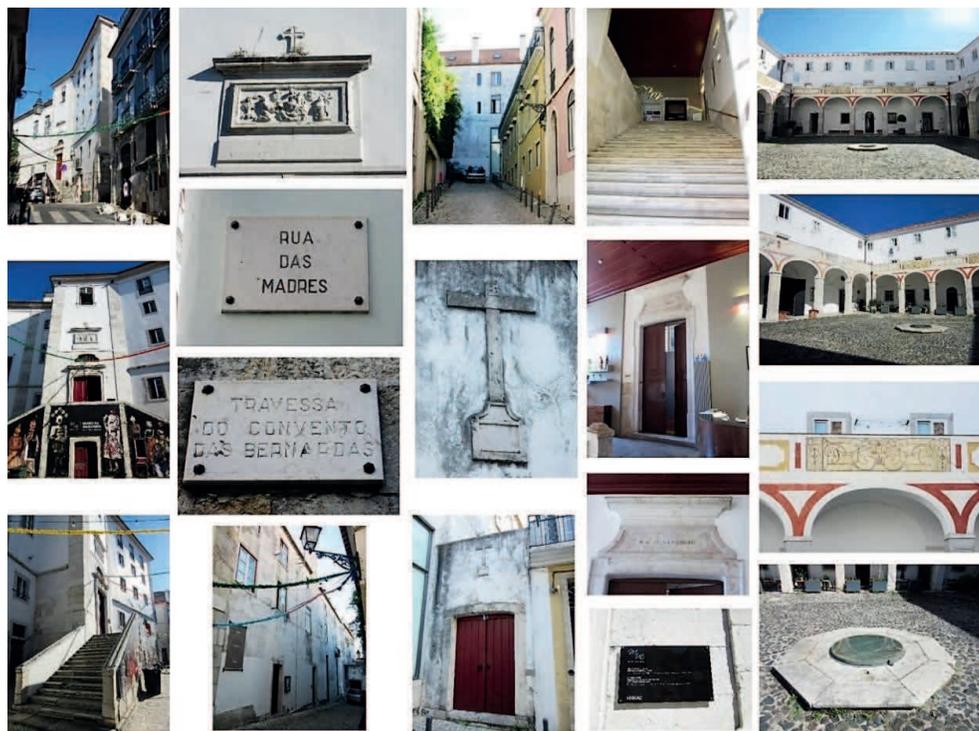


Fig. 45 – Conjunto de vistas do mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo. Fonte: acervo pessoal.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diferenciação entre as três casas religiosas em estudo é nítida no que respeita à sua inserção no território:

- O Mosteiro de S. Bento de Cástris (1274), devido à distância entre a sua implantação e o núcleo urbano amuralhado de Évora, em nada contribuiu para a formação de tecido urbano, tendo-se mantido deste o seu início como um elemento isolado na paisagem.

- O Mosteiro de S. Bernardo (1518) situado numa área protegida no flanco norte pela encosta da Serra de S. Mamede, e não muito distante do núcleo amuralhado da cidade não foi absorvido por este. Todavia, entre o mosteiro e a cidade ocorreu a constituição de malha urbana gerada por dois antigos arrabaldes que se foram progressivamente expandindo até se converterem numa única zona edificada, fazendo a articulação entre a zona amuralhada e o mosteiro.

- Nunca tendo possuído cerca, o mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo (1653) esteve sempre delimitado ao próprio edifício, pelo que não existe qualquer evolução do tecido urbano desde o início da sua construção.

- Nos três casos, as datas de construção das casas religiosas, tiveram natural influência no desenvolvimento das malhas urbanas envolventes.

- Embora não tenham persistido áreas urbanas com topónimos relacionados com estes mosteiros, é de referir que no caso de Portalegre constituiu-se o Bairro do Atalaião tendo como génese a antiga atalaia representada na carta do século XVII (Fig. 19). Quanto a Évora, perdura o Bairro da Torralva, com idêntica génese na memória da atalaia, que em tempos aí existiu. De referir que em ambos os casos os mosteiros se situaram próximos de tais construções de vigia.

REFERÊNCIAS

Arquivo DGEMN – *Convento de S. Bento de Cástris, processo de obras*. Documento do 5 de fevereiro de 1944.

BATISTA, João Maria – *Chorographia Moderna do Reyno de Portugal, Typographia da Academia Real das Sciencias*, Lisboa, 1876.

BUCHO, Domingos de Almeida – *Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre: estudo histórico-arquitetónico propostas de recuperação e valorização do património edificado*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1994 [policopiado].

CONDE, Antónia Fialho — *Cister a Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)*, Lisboa: Edições Colibri, 2009.

COSTA, Pe. Antonio Carvalho da — *Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal. Com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varoens illuítres, genealogias das familias nobres, fundações de Conventos, Catálogos dos Bispos; antiguidades, maravilhas da natureza, edificios & outras curiosas observaçoens. Tomo segundo oferecido ao sereníssimo Rey Dom Joam V.* Lisboa, 1708.

COCHERIL, Dom Maur — *Routier abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris, 1986.

ESPANCA, Túlio — *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora - volume I), Lisboa, 1966.

FONSECA (Francisco da) que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de JESUS. Escrita, acrescentada, e amplificada pello P. Francisco da Fonseca da Mesma Companhia. DEDICADA Ao Eminentíssimo, e Reverendíssimo Senhor ÁLVARO DO TITULO DE S. BARTHOLOMEO IN INSULA CARDEAL CIENFUEGOS Comprotector da Germânia, Arcebispo, e Senhor de Moreal, Conselheyro de Estado de S. M. C. e C, e seo Plenipotenciário à Santa Sè Apostólica. ROMA. Na Officina Komarekiana. Anno MDCCXXVIII. [1728].

FRANCO, Pe. António — **ÉVORA ILUSTRADA**. Extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho. Publicação, prefácio e índices de Armando Gusmão. Edições Nazareth. Évora. MCMXLV (1945).

FIALHO, Pe. Manuel — *Évora Illustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas*, BDA.

GUSMÃO, Francisco Rodrigues de (1877-1879) — *Boletim de architectura e de archeologia da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archéologos Portuguezes*, Série II, Lisboa, 1880, pp. 56 -57, 77-78, 92-93, 108-109.

LIMA, Durval Pires de — *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, fac-simile da ed. de 1850, 2 vols., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1972.

MARTINS, Ana M. Tavares — *As architecturas de cister em portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território*, Tese de Doutoramento, Sevilha, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de — *Elementos para a História do Município de Lisboa, Archivista DA Camara Municipal da Mesma Cidade*, Typographia Universal, Lisboa, Tomo VII, 1893.

PEREIRA, Luís Gonzaga — *Descrição dos monumentos sacros de Lisboa, ou collecção de todos os conventos, mosteiros, e parochiaes no recinto da cidade de Lisboa*, MDCCCXXXIII (1883).

KEIL, Luís — *Inventário Artístico de Portugal, vol. I (Distrito de Portalegre)*, Lisboa, 1943.

TOMÉ, Miguel Jorge — “*A intervenção dos “monumentos nacionais” nos extintos mosteiros de Arouca, Lorvão e S. Bento de Cástris*”, in Revista da Faculdade de Letras, CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO, Porto, 2003, I Série vol. 2, pp. 703-734P.

ESTUDOS DE TEOLOGIA

E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br